

REVISTA

Sumário

Saudação da União Portuguesa à Conferência Geral

Leituras para a Semana de Oração

Notícias de S. Tomé

Departamento da Educação

Departamento da Colportagem

Fórmulas de delicadeza

Notícias da Missão Madeirense

Relatório da Juventude



PREÇO:

1\$50



NOVEMBRO

DEZEMBRO

DE 1946



ANO VII N.º 38



Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna (S. João 6:68)

ADVENTISTA

«Até que todos cheguemos à unidade da fé, ao conhecimento do Filho de Deus» (Efés. 4:13)

I—Da existência de Deus

Podem surgir dúvidas no espírito de obreiros e crentes sobre a necessidade de tratar em público, em regime de conferência, da existência de Deus. Já ouvimos um obreiro adventista chasquear, de cima do púlpito, dos colegas que se esforçam por tornar clara essa doutrina fundamental.

Precisamos, porém, não esquecer nunca que a doutrina da existência de Deus e sua demonstração se impõe nas Sagradas Escrituras, no Espírito de Profecia, nos livros básicos do Movimento Adventista e na experiência de todos os obreiros bem intencionados. Com efeito:

a) Nas Sagradas Escrituras lemos:

«... porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que é galardoador dos que O buscam» (Heb. 11:6). Nosso Senhor dizia:

«A vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo a quem enviaste» (S. João 17:3).

Ora, se é necessário «conhecer» Deus e «crer que Ele existe», é caso para perguntar, como S. Paulo, «como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão se não há quem pregue?» (Rom. 10:14).

b) Do Espírito de Profecia tiraremos uma frase:

«Um conhecimento de Deus é o fundamento de toda a verdadeira educação e de todo o verdadeiro serviço... Este conhecimento é a preparação essencial tanto para esta vida como para a vida futura» (M. of H., pág. 409).

Como se poderá «conhecer» um ente ou coisa cuja existência é nebulosa ao espírito? Não suportará esse conhecimento a «certeza» da existência?

c) Cremos que os livros básicos, no Movimento Adventista, após o Espírito de Profecia, devem ser os catecismos ou os manuais de Igreja. Pois bem, ouçamos:

«Os Adventistas acreditam na Divindade ou Trindade Divina»... (Manual de Igreja brasileiro).

Nesta parte XI do Manual, à base de todas as doutrinas adventistas vem a Crença na Divindade. Se fazem os prègadores tanto barulho para provar que Jesus volta — e quem sabe se é por causa de tanto barulho que poucos têm aceitado essa milenária doutrina — não deverão provar que Deus existe?

d) «Não! Porque toda a gente acredita que Deus existe».

Pois essa experiência não a temos nós. Dentro dos prègadores temos encontrado alguns a tentar demonstrar a existência de Deus de tal maneira que se vê logo não poderem acreditar em semelhante princípio. Pensamos até que é essa a causa que faz com que os prègadores abandonem a Fé logo que, por qualquer razão, os cortam da lista do ordenado.

Fora da classe dos prègadores é fácil observar como são raros os crentes com certezas em

Ao correr da pena...

Deus. A religião da maioria é «Maria vai com as outras».

No mundo temos encontrado indivíduos inteligentes, cultos, que nos têm dito: «Não sou religioso e tenho pena. Se eu pudesse acreditar que Deus existe, tudo era fácil».

Quantas vezes não têm os Obreiros encontrado pessoas que ficam perdidas para a Eternidade justamente porque não puderam demonstrar que Deus existe? Mas, em vez de reconhecer a fraqueza da sua preparação, tentam desculpar-se dizendo: «Ninguém pode convencer os incrédulos»!

Na maioria dos casos, Irmãos Prègadores, tudo se resolveria se quiséssemos dar ouvidos ao conselho escriturístico: «Persiste no ler».

Mas quando não estejam para maçadas e queiram permanecer na ignorância, respeitem os colegas mais trabalhadores e que possam considerar a ignorância como o flagelo do diabo.

II—Aos Candidatos à Obra Adventista

Com certeza, sabem todos os leitores que uma das doutrinas bíblicas é o Dízimo. Desde o primeiro livro da Bíblia até ao Evangelho de S. Mateus vemos que o Ministério Divino foi sustentado pelos 10% dos ganhos dos crentes.

É o Dízimo princípio assente no Espírito de Profecia e no Manual de Igreja.

Não se manda o cobrador a casa do crente e não deixa de ser Membro de Igreja caso não pague dízimos. «Não serão excluídos membros devido a razões pecuniárias» (M. de I. brasileiro, pág. 93). Supõe-se que o Dízimo é uma conta paga a Deus e deixaremos os filhos de Deus ajustar as contas com o Pai Celestial.

Já o Manual da Igreja declara que devem ser fiéis ao Dízimo os membros a ser eleitos para cargos. É natural: se não desejam sustentar a Causa para que desejarem assumir a direcção da mesma?

Há, porém, um grupo de indivíduos, dentro do Movimento Adventista, que devem ponderar muito bem este ponto de doutrina adventista — os homens e mulheres que desejam um cargo presente ou futuro no Movimento. Não podem ignorar que nos Estatutos da União está consignado que só podem ser admitidos como empregados da mesma, indivíduos que sejam fiéis ao sistema dos Dízimos. Enquanto a Assembleia Geral não deite abaixo esse parágrafo, ninguém, nem mesmo a Conferência Geral, poderá colocar na classe de empregados indivíduos que se provem voluntária e veementemente deficientes neste ponto. Não querem pagar os dízimos do que Deus lhes deu mas querem viver à custa dos dízimos dos outros?

Avisamos também que, neste caso, não é aceitável a desculpa de ter pago dízimos anónimos. Quando a Denominação estabeleça a possibilidade de pagar dízimos em anonimato é preciso que o declare publicamente para beneficiarem dessa regalia os que assim entendam. Dízimos anónimos, quando se trate de membro a ser chamado ou a pedir trabalho, não podem ser invocados, justamente por serem anónimos.

Saudação

DA UNIÃO PORTUGUESA À CONFERÊNCIA GERAL

NOTA — A *Review and Herald* de 11 de Junho publicou, em resumo, a saudação do nosso delegado, A. D. Gomes, que vamos reproduzir como documento histórico na Obra em Portugal, visto ser a primeira Conferência Geral Adventista em que tomaram parte delegados portugueses.

Muito presados Irmãos

Peço que me desculpeis não ser capaz de falar com correcção a vossa bela língua. Caso não percebam qualquer frase e tenham interesse em perceber, farão a subida fineza de levantar a mão e repetirei até ser percebido. Nas lojas em Washington é assim que tenho feito com muito êxito.

Os Irmãos e todos os Obreiros da União Portuguesa pediram-me para vos apresentar as suas melhores e mais amáveis saudações. Associo-me às suas saudações com toda a gratidão e sinceridade.

Sinto-me impellido, como representante do povo português diante desta Assembleia que representa bem todo o honrado povo idealista da Grande União Americana, a mostrar o nosso reconhecimento por tudo quanto de nobre e belo a vossa Nação tem feito no meu país. Os portugueses amam a Livre América. Quando o vosso país estava em guerra, viam-se bandeiras americanas e fotos do grande Roosevelt em profusão nas montanhas dos estabelecimentos. Quando o povo saiu para as ruas a festejar o fim da calamitosa guerra, as bandeiras americanas lá iam na mão do povo. E como não havia de ser assim? Da América temos recebido grandes ideais, as melhores máquinas — desde a de costura ao cinema — e o povo português não é ingrato.

Como Adventistas, os nossos olhos estão fixados na América e reconhecemos a alta sabedoria de Deus quando fez do vosso país o berço do Seu Movimento Adventista. Por outro lado, não queremos esquecer que foi um Missionário Americano — Pastor Rentfro — quem ergueu o pendão Adventista, pela primeira vez, em Portugal e,

desde então, sempre temos tido colaboradores americanos na nossa terra. São vossos compatriotas os dois grandes amigos da Obra em Portugal que, durante largos anos, têm tido a paciência de suportar as nossas grandes deficiências: os Pastores Olson e Beach. Como podeis ver, a alma adventista portuguesa tem muitas razões para se inclinar com sincera simpatia diante do Adventismo Americano.

Com o vosso dinheiro temos comprado casas de oração, publicado livros e montado escolas. Essas propriedades são vossas e não nossas. Nós apenas temos muito prazer em ter as chaves, para as manter limpas e as fazer operar em vosso nome. Teríamos muito prazer em vos receber dentro delas.

Deveis estar ansiosos para que vos fale das nossas necessidades. Compreendeis muito bem que somos pobres. O vosso opulento Governo, embora seja o mais rico do mundo, todos os anos vai buscar às vossas algibeiras os impostos. Sim, necessitamos muito do vosso auxílio.

Mas, com sinceridade, não é o dinheiro a nossa única e maior necessidade. Nós necessitamos, acima de tudo, de novos métodos de trabalho, de novas ideias! Não podemos continuar — nem devemos — o nosso trabalho de evangelização com métodos antiquados, de há mais de cem anos. Vós tendes revolucionado a evangelização. Tenho visto já muitas coisas, apanhado muitas ideias novas e espero que nos ajudeis com a vossa experiência.

E, depois das vossas ideias modernas, necessitaríamos da vossa bela juventude em nossas actividades. Que bela juventude vós tendes! Os vossos filhos e filhas não ficariam deslocados nos palácios reais deste mundo. Com alguns deles nas importantes funções de evangelistas, médicos, enfermeiras, professores, escritores, nós poderíamos converter Portugal a Deus.

*Muito obrigado pela vossa amável atenção!
Adeus!*

A. DIAS GOMES

SEMANA DE ORAÇÃO

(CONCLUSÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Leitura para Quarta-feira, 11 de Dezembro de 1946

○ ESPÍRITO

«Sofre, pois, comigo as aflições como bom soldado de Jesus Cristo» (2.º Timóteo 2:3). «Portanto tomai toda a armadura de Deus para que possais resistir no dia mau, e, havendo feito tudo, ficar firmes» (Ef. 6:13).

Três factores tornam um exército vitorioso: — as armas, a direcção, o moral. Destes três factores, o último é o mais decisivo. O moral é coragem, é visão. O moral é a vontade de ir até o sacrifício e de perseverar. É uma convicção íntima de que se alcança a vitória. O moral, porém, não é, apenas, a auto-complacência — uma falsa confiança que leva a cessar fogo ou a retomá-lo, injustificadamente. O moral odeia tudo quanto for rebaixar. Não evita o trabalho árduo. Não receia o adversário. É pronto e rápido para agir. Foi o moral de David mais que a sua funda e as pedras, que abateu o gigante Golias. O caso é que David «se apressou» e «correu» a encontrar-se com o filisteu.

A missão do moral é todas estas qualidades reunidas numa tarefa de missão. Aplica-se, não só aos missionários nos seus campos de acção, mas também aos membros nas suas terras. Em certo sentido a missão do moral é mais decisiva, na conferência local, na sua terra, de que nos campos de missão do ultramar. Como é que os Adventistas se comportam nesta matéria? A questão do moral é urgente tanto nos nossos colégios entre alunos e professores, como entre filhos e pais desta nossa juventude prometedora. Deus chama os nossos jovens a amar as missões. A suprema necessidade do homem nesta geração é uma fé pessoal, experimental em Jesus Cristo bem assente na mensagem do terceiro anjo.

A provação ainda perdura e a guerra, com o seu tétrico cortejo de calamidades; tudo foi permitido pelo Senhor para reconduzir a humanidade a Deus. Nós, que temos de espalhar a mensagem, devemos ser fortes na fé e na coragem.

Em volta de nós realiza-se grande mudança. Nos nossos dias, «a cristandade militante» é coisa rara. Muitos crentes, em algumas igrejas, têm cessado de combater, «o combate da fé» Desvaneceu-se-lhes o antigo vigor para defender a verdade. Há, no ar, um espírito de compromisso e de temor. Há discórdias e receios por toda a parte. Alguns têm medo, medo que provém da ciência, embora tenham reconhecido «certa rendição incondicional». Referente a isto um conhecido homem de Estado do ultramar disse, há tempos:

«Nos anos, que precederam a guerra, nada era mais evidente que a fraqueza da lei moral cristã em todos os povos. É, pelo menos discutível se o nazismo se teria podido estabelecer no povo alemão e entrado numa grande parte da Europa, se os cristãos houvessem tido, pela sua verdade, o mesmo entu-

siasmo que os nazis tinham pela sua falsidade. Teria havido uma grande mudança na cristandade. Os pontos fundamentais da fé cristã, que durante tantos anos foram acreditados, têm sido olvidados. O que devia ser claro, tornou-se escuro. O que devia ter sido considerado, imensamente, importante, começou a considerar-se como secundário. Por isso são graves, os resultados deste cepticismo, na igreja cristã. Tem-se dito que, onde quer que se encontra uma falsa ideia acerca dos homens, a sua origem repousa numa falsa ideia sobre Deus, e é impossível ter uma ideia mais falsa de Deus, do que não ter nenhuma ideia a Seu respeito»

A humanidade está, hoje, preparando o terreno para a construção de um novo mundo. Todos concordam em que a antiga ordem de coisas se quebrou num colapso mais completo do que a queda de governos ou de igrejas. Os processos mentais, os níveis morais, a filosofia da vida, a doutrina de Deus, tudo parece ser sacudido e agitado para se preparar o ponto de fusão para uma nova época histórica. O ponto nevrálgico nas modernas lutas religiosas, diz respeito a Deus e à Sua lei. É Deus um Ser pessoal ou um poder impessoal? Têm os homens alguma responsabilidade moral para com Ele? Tem o indivíduo uma personalidade independente com certos direitos inegáveis? Ou o Estado compreenderá tudo e será o senhor absoluto? Todas estas formas de pensamento obrigam a humanidade a uma nova forma de reconstrução. Algumas classes conservadoras desejam reconstruir a velha ordem quase com os mesmos governos, leis e relações. A maior parte, porém, sente que isto não é suficiente pelo que a nova construção da sociedade deve ser em moldes diferentes.

Em duas semanas, após o Armistício de 11 de Novembro de 1918, vinte e dois reis perderam os seus tronos. Houve, em todos os países da Europa uma grande perturbação. Agora, após a 2.ª Guerra Mundial são necessárias outras transformações mais profundas. Não foi só a realeza nem a nobreza que baquearam, mas há, também, a registar grandes deslocamentos de populações e novas distribuições de terras e Estados. Sabe-se, que mais de 25 milhões de pessoas se encontram deslocadas, sem lar, sem pátria, de região para região, de terra para terra. Indivíduos, famílias, povoações, igrejas, tudo tem sido perturbado, alterado, transtornado.

Mas, para bem da humanidade, as tentativas de reajustamento material e político devem, realmente, considerar-se, como insignificantes, se as compararmos com a actual confusão de inteligências e de «deslocação espiritual». O maior perigo que pode enfraquecer, hoje, o trabalho missionário adventista é o receio — isto é, um sentimento de abandono que convida à derrota. Nunca deveremos esquecer que no

MISSIONÁRIO NA OBRA A REALIZAR por L. H. CHRISTIAN

meio deste mundo desconjuntado com todas as suas tristezas, sofrimentos e falsos mestres e ensinamentos, colocou Deus a Igreja Adventista como uma luz segura, nas trevas. Para espalhar a verdade da mensagem, não nos podemos retirar do mundo, mas devemos mantermo-nos, à parte, na fé, no espírito e na santidade.

Estejamos, de pé, como um exemplo.

Nunca houve uma igreja que tivesse menos recursos para se tornar mundial, como a Igreja Adventista, neste tempo e nesta geração. Devemos manter-nos separados do mundo, da sua literatura, dos seus perigos insidiosos que vêm de toda a parte. Se quisermos ver como Deus preparou o caminho; se quisermos ver como os anjos têm trabalhado nos corações dos homens; se quisermos ver a brevidade do tempo e, como, bem depressa, o último dia da provação estará sobre nós — entremos, generosamente, na obra com zelo e coragem, trabalhando mais que nunca.

Isto aplica-se, de maneira especial, à nossa juventude. O movimento adventista tem-se tornado, sempre, forte, pelo entusiasmo dos nossos jovens. Estamos caminhando, rapidamente, neste mundo, como o único povo que, fortemente, se apoia, no Evangelho de Jesus Cristo. Nas nossas missões se está tornando bem verdadeiro o que deixamos dito. Este povo mantém-se firme no Evangelho; e, brevemente, seremos conhecidos pelos únicos cristãos, no mundo, que, realmente, se opõem ao grande movimento apóstata, e que espalham o evangelho da mensagem no espírito e poder do Senhor. Sabemos, hoje, que esta terrível guerra de que acabamos de sair, foi permitida pela Divina Providência para preparar os corações a receber a mensagem do Advento e a preparar a igreja remanescente a espalhar esta mensagem. Os indizíveis sofrimentos destes cinco anos foram o chamamento de Deus aos pecadores para receberem as últimas chuvas. Se não formos capazes de ver isto é, porque, na verdade, estamos cegos. Milhares e milhares de almas estão a dirigir os seus pensamentos para o Evangelho, e nós estamos prontos e dispostos a entrar por todas as portas abertas.

Liberdade de missionar no mundo no após-guerra

Quando procuramos realizar a tarefa que nos propomos de levar a mensagem, vemos, naturalmente, se as portas para o trabalho missionário estão, agora, abertas, como o estavam há algumas dezenas de anos atrás.

Será possível enviar missionários para todos os países do mundo, com a mensagem do advento? A resposta é de encorajar. Na conferência das Nações

Unidas, de S. Francisco, na primavera de 1945, discutiu-se em várias sessões, a questão da liberdade das missões. Um grande número de representantes de quase todos os países garantiram-nos que os seus países nos abririam as suas portas e receberiam os nossos missionários. Vemos, disto, um bom presságio para o Japão. O trabalho missionário naquele grande país restringira-se, cada vez mais, antes da guerra. Espalharam-se, cada vez mais, as ideias da divindade imperial e de outras concepções pagãs. Agora, parece que tudo mudou. O próprio micado declarou que não é divino e que o verdadeiro Deus se vingará. Também vemos sinais de uma nova liberdade, na Rússia. Um dos nossos ministros russos escreveu-nos:

«Ficará este país de mistério, a Rússia, fechado para sempre? Ficará este povo de cerca de 200 milhões sem a última mensagem? O Senhor que dirige a história da humanidade, abrirá, algum dia, este país à Bíblia e de novo ao Evangelho. Ainda o Senhor nos dará, aqui, o nosso maior campo missionário. Estamos orando pela nossa amada Rússia».

Este homem fala bem da Rússia e pressente uma nova liberdade. Quando pensamos nas missões, não podemos esquecer a coragem dos crentes Adventistas do ultramar.

É uma maravilha ler as informações que nos chegam da terra das trevas, a despeito de todos os nossos membros haverem sofrido durante e depois da guerra. Há alguns meses, escrevia-nos, da Suécia, G. A. Lindsay, depois de haver visitado os nossos crentes na Polónia.

«O nosso povo mantém-se possuído de grande coragem, apesar de tudo o que sofreu e do que ainda sofre. Vários obreiros estão nos campos de concentração e têm passado maus bocados. Um está na França, na Legião Polaca. Muitos dos nossos membros estiveram nos campos de concentração alemães, e alguns, estão, agora, nos campos polacos.

O movimento do Advento avança, poderosamente, na Polónia, a despeito de tudo. Levei-lhes o manuscrito da lição da Escola Sabatina. Reimprimiram uma antiga lição para o primeiro trimestre. Começaram, também, a imprimir folhetos e jornais. Na secção da Polónia, que foi, primeiramente, chamada Congresso da Polónia, aquela parte que os alemães estabeleceram com o nome de Governo Geral Polaco — havia cerca de 400 membros, quando a Divisão Central reorganizou o trabalho na Polónia. Foram ganhando cerca de 100 ou mais novos membros, por ano, durante a ocupação, de modo que, agora, há, ali, perto de mil membros. Na secção que foi adicionada à União Oriental Alemã, em 1939, e que, agora, regressou à Polónia como território adicional, vivem cerca de mil membros». Da Coreia

chega-nos este relatório de lealdade no meio de tantas dificuldades: «Quando rebentou a guerra, havia 8.000 crentes sabatistas, na Coreia; 3.500 eram batizados. Muitos deles fugiram para as montanhas ou para regiões isoladas, com as suas famílias, a fim de poderem guardar a sua fé.

Entre os que tiveram esta experiência, sabemos de um grupo que se refugiou nas montanhas, num distrito a cerca de oitenta milhas de Seoul. Ali se reuniram e organizaram uma escola Sabatina. Trabalhavam todo o dia para ganhar a vida, cortando madeira, para fazer carvão. Quando o crepúsculo caía sobre o vale, reuniam-se todos e, sentados na relva, adoravam o Altíssimo, que bem conhecia a sua situação—e que nunca abandonou os Seus filhos, através das gerações. Assim se reuniam cerca de sessenta crentes, durante três anos, tempo em que nunca deixaram de guardar o santo dia de Sábado...

Rezemos ao nosso bom Deus, que guarda os Seus filhos, como as meninas dos Seus olhos! Quando estavam nas montanhas pareciam pobres e fracos; mas todos se salvaram sob as asas protectoras de Deus».

O avanço das Missões por caminhos pedregosos

Aquí, na Conferência Geral, recebemos, continuamente, inúmeros relatórios sobre o progresso da obra, em todos os campos, apesar de muitas dificuldades levantadas pela guerra. Mais de uma vez recordamos as palavras do Senhor nos *Testemunhos*, de que o trabalho que não se fez nos dias prósperos deve ser efectuado no meio de perplexidades indizíveis. Nenhum poder na terra pode deter nem retardar a proclamação da mensagem do Advento. Na Noruega, conquistámos mais almas para a verdade, durante a guerra, do que nos mesmos períodos de tempo, anteriores. Na Checoslováquia, temos tido grande êxito na conquista de almas. Da China, recebemos as seguintes belas palavras:

«Embora bloqueados com tremendas dificuldades, o colégio que fora destruído na China ocupada pelos japoneses, foi restabelecido entre as montanhas da China Ocidental, e sob as piores condições, ali se têm treinado centenas de jovens consagrados ao serviço do Evangelho. Com grandes dificuldades, uma casa publicadora do Extremo Oriente tem editado a nossa literatura. Os *Sinais dos Tempos* chineses têm sido publicados em papel de inferior qualidade, feito da polpa de bambu, e com a inflação corrente, o preço da assinatura subiu para 2.500 dólares por ano. A tiragem é superior a 50.000 exemplares por mês. Durante os últimos anos, permaneceu, corajosamente, em Xangai, o Dr. Charles Dale

para dirigir dez jovens estudantes chineses nos seus últimos estudos para médicos. Mais tarde, quando todos os médicos americanos estavam ou internados ou sendo levados para fora da China, estes médicos cristãos serviram, proficientemente, como médicos missionários.

Assim, no longínquo hospital e clínica de Lanchow, o Dr. Paul Hwang trabalhou, com sua esposa, com grande êxito. Além dos seus trabalhos clínicos, dirigiu, ainda, três cursos de Bíblia, por semana, para os infieis, e a 13 de Janeiro deste ano escrevia: Gozo do privilégio imenso de trabalhar, aqui, e estou convencido de que os médicos que estão privados desta experiência estão perdendo as melhores bênçãos para as suas almas».

Reavivamento espiritual no exército

Temos razões para agradecer a Deus o corajoso testemunho a favor de Jesus, que muitos dos nossos soldados deram na guerra. Um dos nossos irmãos escreve-nos:

«Com os soldados que estão regressando a suas casas não perguntamos, apenas: «Que pode a igreja fazer por eles?», mas ainda: «Que podem eles fazer pela igreja? Como podem eles trabalhar na igreja?». Estão eles dispostos a ver na igreja, não um hospital para alimentar indolentes anémicos e indiferentes, mas uma base de mobilização para o exército do Rei, um campo de treino para a conquista espiritual do mundo. Um tal programa requer direcção—uma direcção competente e bem preparada, que origina acção, e suscita obreiros que não necessitam de ser censurados, mas que compreendem larga e profundamente a direcção espiritual nas suas várias modalidades, bem alicerçada sobre o estudo da palavra de Deus que leva à Verdade. Que Deus nos conceda esta visão e esta direcção...

O meu primeiro contacto com este trabalho de reavivamento entre os soldados do ultramar deu-se, pouco depois, da minha chegada à Nova Guiné. Recebi a visita de um pequeno grupo de jovens entusiastas que me perguntaram se não me associaria a eles para fazermos trabalho de reavivamento espiritual. Reuniam-se numa barraca de campanha, todos os dias, para orar e estudar a Bíblia. Estavam desejosos de construir uma capela e de ali realizar algumas reuniões. Não era fácil obter material sólido para construções. Vivíamos todos em barracas e merecia a pena fazer uma longa caminhada para arranjar uma lata vazia. Faziam-se orações para obter madeira e materiais de construção. A resposta veio um dia sob a forma de alguns restos de um naufrágio flutuando na baía. Os jovens conseguiram alcançar grandes quantidades de madeiras. Lançaram-se ao trabalho, com grande entusiasmo, e dentro de

Leitura para Quinta-feira, 12 de Dezembro de 1946

A Bíblia está cheia de ordens inspiradas para guia das nossas vidas. Algumas delas relacionam-se, directamente, com os nossos bens. Recordemos as solenes palavras de Jesus: «Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam. Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque, onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração» (Mat. 6:19-21).

Nosso Senhor manda-nos não ajuntar tesouros na terra. Mas não fica por aqui. Ordena-nos que

pouco tempo construíram uma bela capela que foi, imediatamente, inaugurada. Ali se realizaram fervorosas reuniões, diariamente. Todas as noites se tomavam novas decisões para Jesus Cristo e se alargava o trabalho. Sentia-se, em todos, grande entusiasmo e força para o trabalho, força que era irresistível.

Quando lemos as cartas dos nossos missionários e membros na sua temível pobreza no ultramar, sentimo-nos perturbados e admirados com a sua fé heróica. É o espírito de Paulo ou de Savoranola ou de Judson. Um obreiro da Europa Oriental que esteve prisioneiro e que foi arrastado por vários lugares, pela fé, escrevia-nos:

«Perdi tudo. Ninguém há, agora, na América, mais pobre que nós. Quando regresssei do campo de concentração, nem sequer encontrei um par de calças em casa. Tive de prègar com o uniforme de prisioneiro. Perdi tudo; tudo quanto tinha desapareceu. Não escrevo para me lamentar, mas apenas, para narrar os factos. Pessoalmente, estou pronto a suportar tudo, mas conto isto para glória da causa de Deus. No meu trabalho pelas almas, necessito de muitos livros, que aqui não posso adquirir... Primeiramente, os nossos livros, como os *Testemunhos* e outros da irmã E. G. White...»

Estou satisfeito por ter podido sofrer pela causa de Deus e pela sua expansão. Desejo, em primeiro lugar, que se trata do Seu trabalho; as minhas coisas, roupas, utilidades, etc., virão depois. Mesmo em fato de soldado se pôde prègar com êxito. No fim do mês passado baptizámos quarenta almas e projectamos baptizar outras quarenta no fim de Março. Possam estas linhas levar-nos a mensagem de que temos um Deus grande, poderoso e misericordioso. O nosso Deus é tudo para nós. Com Ele, a pobreza é rica e torna-se doce o que é amargo».

Estas últimas palavras produziram em mim a mais viva impressão, pois aquele nosso presado irmão passou, realmente, fome, por Jesus Cristo.

Esperando maiores coisas diante de nós

É esta a nota fundamental que encontramos em quase todos os relatórios que nos chegam de além-mar: os nossos obreiros acreditam que o movimento do advento missionário se levanta no verdadeiro limiar de um poderoso apelo missionário à humanidade. O Pastor W. R. Beach, de Berne, escreve-nos:

«Na verdade, está sobre a Europa um grande trabalho de reorganização e reconstrução. Penso, que em última análise, vamos desencadear uma das maiores expansões do movimento, como a Denominação nunca aqui teve. Sente-se, por toda a parte, uma grande palpitação de devoção e de empreendimento».

R. H. Hartwell fere a mesma tecla. Escreve-nos:

«Devemos envidar os nossos melhores esforços para aproveitar a oportunidade presente para evan-

gelizar; o tempo não se pode dilatar mais. Estou ansioso por ver avançar a mensagem com firmeza e sem delongas. O que temos, aqui, a fazer, deve ser feito, rapidamente».

Necessidade de visão, de santidade e de perseverança

Quando estudamos as actuais condições do mundo, torna-se claro que todas as hostes dos anjos rebeldes estão dirigindo e concentrando toda a sua astúcia e poder em querer vencer na controvérsia final contra Deus. E, agora, que a humanidade está convulsionada e a sociedade abalada; quando a santidade, a moralidade e a própria decência parecem mortas — deve o povo do Advento permanecer mais forte, mais intrépido e mais determinado que nunca. Deve aumentar o nosso amor pelas missões estrangeiras e fortalecer-se a nossa fé na mensagem, de modo a prestar-lhe o nosso maior apoio, mesmo com o maior sacrifício.

Aspirações do movimento do Advento

Consideremos o objectivo do movimento do Advento. A sua aspiração não é a de fundar uma nova seita ou a de obter uma grande clientela. Não é uma incumbência de qualquer igreja universal. Não procura dinheiro nem vantagens temporais. É o último convite Evangélico, um aviso final de Deus à humanidade. Deve ser prègado a cada Nação, reino, língua e povo. No seu infinito amor, o Senhor dá-nos a conhecer a aproximação do advento de Cristo para que os homens estejam prontos a ir ao encontro de Jesus Cristo, em paz. As nações afastaram-se de Deus. Odeiam o Seu Filho, desprezam a Sua lei. Não querem ser regidos pelo Rei da Paz. Mas o infinito amor de Deus não os quer, ainda, abandonar. Deseja salvar mesmo o mais miserável e pior dos pecadores.

Que Deus desperte o Seu povo e confirme os Seus na verdade. Em nenhum tempo, na história humana recebeu a igreja um apelo tão insistente, tão decisivo, como, agora, no após-guerra, com as portas abertas às missões. Estamos, realmente, desenvolvendo grande actividade, nos nossos dias. No ano passado enviámos 186 missionários. Foi uma bela leva, mas este ano devíamos largar o dobro, e em 1947 necessitaríamos do triplo ou do quádruplo.

As nossas ofertas missionárias são, totalmente, insuficientes. Mas quanto maiores forem as necessidades, tanto mais precisaremos de pé firme, visão clara, e, acima de tudo, de um amor apaixonado pela causa de Deus. O movimento do advento não deve falhar por falta de ardor missionário.

AJUNTANDO TESOUROS NO CÉU

por F. D. NICHOL

ajuntemos tesouros no céu, onde ficam seguros e a salvo. No céu não há inflação. Tudo tem, ali, o seu valor real e fixo, e tem sido, sempre, o mesmo através da eternidade. Não há guerras, no céu, que destruam as suas cidades ou espalhem a miséria. Houve, apenas, uma grande guerra, já há muito tempo. Mas

o chefe rebelde e os seus sequazes foram expulsos do céu e precipitados nesta terra. Eis porque temos constantes guerras e devastações no nosso mundo. Não há ladrões no céu. Ninguém ali rouba. Ali — diz Jesus — é o lugar para ajuntar os nossos tesouros.

E como o poderemos fazer? Primeiramente, in-

vestigando as nossas vidas, o nosso tempo, o nosso todo, no serviço de Deus. Pertencemos a Deus pela redenção, e, por isso, devemos glorificar a Deus no nosso corpo e no nosso espírito, que são de Deus. Nós mostramos a nossa devoção, a nossa dedicação para com Ele, aplicando as nossas melhores energias e o nosso tempo a espalhar o reino do céu.

Há quem diga, fervorosamente, que ama a Deus, que deseja ver progredir a Sua causa, mas esse tal ou esses tais, estão sempre preocupados com os Seus negócios de modo que não dispõem de tempo para trabalhar para Deus. Se todos fizessem como esses, a obra de Deus na terra não poderia avançar. Não são, apenas, os «améns» que se tornam preciosos; é necessária a acção. Ninguém jamais ajuntou tesouros no céu dizendo, apenas, «amém» aos sermões que ouve na igreja pedindo trabalho missionário e apostolado. Se os «améns» não forem seguidos da acção necessária tornam-se num sinal de hipocrisia.

O segredo do poder do General Booth

Devemos empregar o nosso tempo e energia na obra de Deus se quisermos ter a prova autêntica do nosso interesse pelas coisas celestiais e do propósito de ajuntarmos tesouros no céu. O General William Booth, fundador do Exército de Salvação — sociedade para melhoramento religioso e social das classes pobres — realizando, assim, um excelente trabalho para Deus, foi um dia interrogado sobre o segredo do seu poder. É curioso ver como um homem do mundo pode demonstrar tal fervor, energia, zelo e êxito no seu trabalho para Deus. Eis a resposta que ele deu:

«Vou dizer-vos o segredo. Deus tem tido tudo o que eu tenho sido. Tem havido homens muito mais inteligentes que eu, e com maiores oportunidades; mas desde o dia em que me tornei no pobre de Londres no meu coração, e compreendi o que Jesus Cristo fez e fazia pelo pobre de Londres, fiz o propósito de dar a Deus tudo quanto William Booth era. E se há alguma coisa de eficiente no Exército de Salvação, é porque Deus tem tido toda a adoração do meu coração, todo o poder da minha vontade, e toda a influência da minha vida».

Poderá alguém dizer que o General Booth não está ajuntando tesouros no céu? Deu a Deus tudo quanto tinha, toda a adoração do seu coração, todo o poder da sua vontade e toda a influência da sua vida. O General Booth estava, somente, interessado, em servir a Deus. Não podia pensar em qualquer outra coisa, nem ver, nem falar, nem fazer senão o que se relacionasse com a obra de Deus.

Que novo vigor, novos êxitos e novos progressos não viriam para este movimento do Advento se os seus membros — mais de meio milhão — quisessem, resoluta e dedicadamente consagrar-se, de alma e coração, à obra de Deus?! Falamos muito na conclusão do trabalho. Aqui está o caminho para o findarmos. E aqui está o meio para ajuntarmos tesouros no céu. É claro que tal dedicação da vida equivale a termos menos tempo a ajuntar riquezas terrestres. Aquelas horas que pudermos empregar nos nossos próprios interesses pessoais e, talvez, para amealhar alguns dólares — bem faremos em as empregar na expansão do reino de Deus. Não teremos muitos recursos para comprar os confortos da última moda, mas dispomos de capital para ajuntar tesouro no céu.

O bom emprego dos nossos recursos

O crente que consagra a sua vida e as suas energias a Deus dedicará, também, todos os seus recursos à Sua obra, quer sejam grandes, quer pequenos. Há uma consagração verdadeira tanto de fórmulas livrescas, como de coração. Estão, intimamente, relacionadas. Isto leva-nos, exactamente, a concluir a mesma declaração de Nosso Senhor, no que diz respeito aos tesouros: «Onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração».

É esta a chave de todo o passo atrás citado, dando-nos o seu verdadeiro significado.

A declaração pode ser lida ao invés e é, ainda, igualmente verdadeira: «Onde estiver o vosso coração, aí estará, também, o vosso tesouro». Necessitamos de todas as ajudas possíveis para ligar os nossos corações ao céu. Desejamos nós ter a garantia de que os interesses e afectos dos nossos corações estão, constantemente, dirigidos para o céu? Se assim for ajuntaremos tesouros no céu. Os tesouros actuam como um grande íman. Podem exercer uma poderosa atracção sobre os nossos corações. Se a atracção é para cima ou para baixo, depende da situação do tesouro.

Há muitas forças neste mundo de pecado que procuram, continuamente, empurrar-nos para baixo. Por que deveremos nós reforçar o empurrão para baixo colocando o nosso tesouro, aqui, na terra? Desejamos que os nossos pensamentos estejam no céu? Desejamos nós ter um aumento da força divina para anular a atracção das coisas mundanas, nestes últimos dias? Ajuntemos, então, tesouros no céu.

Há quem pense que se fala, demasiadamente, de dinheiro, na igreja. Mas quando consideramos este assunto de dar, tanto sob o prisma das Escrituras, como sob o nosso prisma, podemos constatar que não há lugar no nosso coração para a sugestão do demónio de que se fala, muitas vezes, de dinheiro. Lamentam-se, porventura, os ricos do mundo, quando são aconselhados a colocar o seu dinheiro, em segurança? Não. Então por que nos queixaremos nós, na igreja? Todo o apelo feito da tribuna para colocarmos o nosso dinheiro na obra de Deus, é um conselho inspirado para uma colocação segura e prudente.

Pedidos de donativos

Durante toda a semana, fazem-se, por todo o mundo, variados apelos dos mais diferentes atractivos para gastarmos o nosso dinheiro. Os jornais e revistas muito contribuem para isso. Também a rádio apresenta, diariamente, o seu apelo subtil e a todas as horas do dia. Ainda as montras dos estabelecimentos nos dirigem o seu apelo silencioso; e se entrarmos nesses estabelecimentos, logo um exército de empregados bem falantes e bem treinados nos convidam a gastar o nosso dinheiro. E são tão eficazes estes convites para gastarmos o nosso dinheiro, que quando se chega o fim do mês estamos com a carteira vazia. Mas também é verdade que muitas vezes não acudimos a tantos e tantos apelos para gastarmos o nosso dinheiro em coisas que perecem. Decerto, nenhum Adventista do Sétimo Dia pensará que é estranho ou impróprio de um arauto do reino de Deus o ter de fazer um apelo, uma vez por semana, a contribuir os crentes com o seu dinheiro para as coisas celestiais.

Não é que o Senhor necessite, realmente, do

nosso dinheiro. Ele pode transformar as montanhas em ouro, ou poderia mesmo realizar a Sua obra, com uma legião de anjos a trabalhar gratuitamente, em vez de homens que têm de receber o seu salário. Não; o Senhor não necessita do nosso dinheiro; nós é que necessitamos de o dar. Necessitamos de o dar para escaparmos ao vício do egoísmo que controla os corações manchados. Necessitamos de o dar para sermos purificados dos nossos pequenos «nós mesmos» e sermos levados em espírito para essas longínquas terras de missões, onde as nossas ofertas, sob as bênçãos de Deus, estão desfazendo as nuvens de trevas do erro e iluminando os que andam na sombra da morte. Necessitamos, finalmente, de o dar, a fim de estarmos possuídos de um certo sentido de trabalhar, juntamente, com Deus.

Parte do mistério da piedade, no plano da salvação, é a graça do nosso Senhor dando-nos oportunidade de trabalharmos com Ele. Que seria, se não nos tivesse dado esta oportunidade? Que seria, se tivéssemos sido chamados para ficarmos de braços cruzados, simplesmente, como espectadores, e tivesse Deus de realizar toda a obra da salvação, servindo-se de elementos celestiais? Como os nossos corações se deveriam sentir inflamados ao pensar que fomos chamados a cooperar na grande obra de Deus! A alegria da vida cristã consiste em dar aos outros a mesma experiência feliz que nós sentimos. Temos este magnífico privilégio, porque nos foi concedido trabalhar, conjuntamente, com Deus. E como trabalhamos nós com Ele? Dedicando as nossas vidas, os nossos recursos, todo o nosso ser, ao Seu serviço.

O exemplo dos mártires

Gostamos de pensar nos nobres mártires dos primeiros séculos do cristianismo. Comovêmo-nos ao pensar que deram as suas vidas pela causa de Deus. Contamos os seus nobres exemplos e declaramos que estamos prontos a seguir as suas pègadas. Mas, talvez tenhamos acabado de cantar um tal hino, quando ao ouvirmos um veemente apelo para contribuirmos para a obra das Missões, nos deixemos dominar pelo inimigo ao segredar-nos que temos de comprar um tapete para a nossa casa, que nos faz muita falta.

Isto desaponta os anjos ao verem um Adventista cair perante uma tal tentação. Os anjos sabem o caminho que os mártires trilharam, como viveram, e que nunca tiveram tapetes nos seus calabouços. Precisamos de pensar mais, como vivem e morrem os mártires, actualmente. Temos de relembrar as palavras do Senhor: «As raposas têm as suas tocas, e as aves têm os seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a sua cabeça».

Se o retrair e o fechar da nossa carteira às ofertas liberais, é uma prova de amor próprio — que o é — que diremos da sonegação dos dízimos, que pertencem a Deus? Como poderemos ajuntar tesouros no céu, roubando a Deus? Como é esquisito que homens e mulheres que declaram querer ir para o céu, e pretendem ludibriar a Deus?! Será muito tarde, quando vierem os anjos recolher os eleitos, querer, então, pagar os dízimos em atraso. Há quem diga que não paga os dízimos, porque não tem meios para os pagar!

Quando deixamos de pagar os dízimos, não só roubamos a Deus, aquilo que Lhe pertence, mas roubamos, também, a nós mesmos as bênçãos divinas, assim como o sentimento do dever cumprido, e a sa-

tisfação de sabermos que honramos a Deus confiando nas Suas divinas promessas. Não há maior satisfação que a que provém de colaborarmos com Deus em toda a actividade da vida da nossa igreja. Ninguém poderá ter paz de consciência roubando a Deus. O Adventista que rouba a Deus os dízimos com a desculpa de ter de pagar uma dívida a um simples mortal, paga um duro preço por qualquer coisa que não só desaparece, como o há-de acusar no ajuste final de contas. Se não pagamos a Deus o que Lhe devemos, como Lhe podemos pedir as bênçãos para que nos ajude a pagar o que devemos aos homens?

Estão pagas as nossas dívidas?

Poderemos perguntar se as nossas dívidas perante Deus e perante os homens estão, realmente, pagas? Aproxima-se o fim do ano e podemos, efectivamente, perguntar, se a nossa escrita se encontra em dia. As nossas dívidas não estão só em aberto para com os nossos vizinhos e conhecidos, mas também para com Deus. E seremos menos cuidadores em pagar o que devemos a Deus, do que o que devemos ao merceiro, ao padeiro? Não será, também, necessário recordar que devemos ser, igualmente, de boas contas, para com Deus?

A Bíblia fala-nos, frequentemente, das nossas relações com Deus, como sendo da natureza de um pacto, de um acordo. O Senhor faz-nos promessas e nós também Lhas fazemos. E é que não somos morosos em pedir o pagamento completo das promessas de Deus. Nunca Ele nos enganou. Já o mesmo não diria Ele a nosso respeito! Efectivamente, quantas vezes não faltamos nós às nossas promessas para com Deus e para com a Sua causa?

É, em questões desta natureza, que se aquilata, bem, no lar, a vida religiosa, pois esta não é, apenas, uma questão de receber, mas também de dar. Somos bons colaboradores da obra de Deus, bons e dedicados servos, mas só no receber, os Seus favores, as Suas graças? Esta boa colaboração deve manter-se, sempre, no receber, como no dar. Escreveu o profeta Moisés: «Quando um homem fizer voto ao Senhor, ou fizer juramento, ligando a sua alma com obrigação, não violará a sua palavra: segundo tudo o que saiu da sua boca, fará» (Núm. 30:2).

É grande o nosso sacrifício

Somos algumas vezes tentados a supor que fazemos grandes sacrifícios pela obra de Deus. Mas estâmo-nos, realmente, sacrificando tanto? Chegamos, realmente, a privarmo-nos de coisas necessárias ou de certos confortos? As nossas casas ostentam o mesmo que as das pessoas que não são Adventistas, da mesma posição. Porquê? A resposta, em parte, é que Deus abençoou o resto do nosso dinheiro, como resultado da nossa liberalidade para com Ele. Mas o Senhor fez mais do que isso. Quando salvou as nossas almas, libertou-nos de práticas e vícios que consomem muito dinheiro.

O vício do jogo está muito espalhado e nele se consomem grandes fortunas. Os Adventistas não jogam. Deus libertou-nos dele, quando entrámos para o Seu serviço. As bebidas alcoólicas constituem também um dos mais funestos hábitos e vícios da humanidade. Deste vício derivam tantos e tantos outros que absorvem milhões de escudos na roda do ano, sem contar as tragédias que desencadeia. Os Adven-

tistas não bebem. Deus libertou-nos deste hábito quando nos tornou Seus filhos. O fumo é, também, um dos vícios que consome milhões de escudos. Os Adventistas não fumam. Deus libertou-nos da escravidão da nicotina. O teatro e os bailes e outros divertimentos semelhantes representam, também, uma grande fonte de despesas. Deus também nos libertou disso. Grandes somas de dinheiro se consomem, no mundo, em jóias. Os Adventistas não usam jóias. Destas e de outras práticas nos salvou Deus, quando nos trasladou do reino das trevas para o reino do

Seu dilecto Filho. Não temos estatísticas mundiais à mão, mas bastam as que se referem aos Estados Unidos. A média do que se gasta, mensalmente, nos Estados Unidos, no jogo, em jóias, bebidas e álcool dá, a cada homem, mulher e criança, 180 dólares, ou sejam, 4.500 escudos. Cada membro da Igreja Adventista contribuiu, no último ano, com as suas várias ofertas, com uma média de 118 dólares e meio por mês. A nossa liberalidade para com Deus parece-nos grande, mas os perigos contra o corpo e contra a alma, de que Deus nos libertou, ainda são maiores.

Leitura para Sexta-feira, 13 de Dezembro de 1946

A camaradagem implica a mais íntima amizade que é possível entre duas ou mais pessoas que convivem juntamente.

Implica companhia e amizade correspondidas mutuamente. Assenta sobre o amor, porque um amigo define-se como: «alguém que ama ou está ligado a outrem; uma íntima familiaridade, uma boa vontade, um auxiliar ou protector». Camaradagem com Jesus, significa, portanto, que há mútuo amor, e que uma pessoa deseja empregar-se ou dedicar-se a promover a causa de Jesus, precisamente, como Jesus, primeiramente se entregou por todos.

O segredo é o amor

O sábio disse: «O homem que tem muitos amigos pode congratular-se; mas há amigo mais chegado do que um irmão» (Prov. 18:24). Jesus é aquele Amigo maravilhoso — o maior Amigo que o mundo jamais conheceu. Há um magnetismo que irradia da Sua personalidade muito mais forte do que de qualquer outra pessoa que jamais viveu na terra. Falando do Seu poder disse: «E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim» (João 12:32). Que há, pois, em Jesus que atrai os homens, que lhes arrasta a inteligência desviando-a de qualquer outro mestre, e que os torna prontos a abandonar tudo por Ele e a segui-Lo através de todos os perigos e da mesma morte? Nunca nenhum homem falou como Ele. Essa atracção será devida aos Seus maravilhosos ensinamentos? Será o poder que revelou nos Seus milagres? O ter sido impecável? Será a perfeita integridade do Seu carácter?

Nada disto poderá explicar, cabalmente, a maravilhosa atracção de Jesus. *O segredo é o amor.* Veio a este mundo para revelar o amor de Deus — era Ele o amor de Deus em carne humana. Toda a sua vida foi amor. Nas mais maravilhosas manifestações da Sua vida revelou, sempre, amor. Via-se-lhe no Seu rosto, sentia-se no Seu contacto e ouvia-se na Sua voz. Foi este o grande facto que os Discípulos constataram na Sua vida. A Sua amizade era diferente de todas que pudessem sequer sonhar. Era isto que os arrastava para Ele e fez, também, com que O amassem tão profunda e ternamente. Só o amor é que pode atear amor. O poder não poderá fazer isto — os homens receberão prendas e pagarão com ódio. Mas o amor pede amor; o coração responde ao coração.

A camaradagem com Jesus requer compatibilidade de atitudes e de interesses. «Andarão dois

juntos se não estiverem de acordo?» (Amós 3:3). Jesus não atende a pessoas. Nunca muda nas Suas ideias e atitudes. É «o mesmo, ontem, hoje e amanhã». Deu-se, como resgate por todos e não há nada que Ele mais deseje de que os homens correspondam ao Seu amor, e pela Sua graça põem as suas vidas de harmonia com a sua vontade. Não desce ao baixo nível da humanidade. Deseja que subamos para o plano elevado do carácter cristão. Os nossos ideais e atitudes devem tornar-se como os Seus. Eis como se expressa o apóstolo Paulo: «Para conhecê-Lo e à virtude da Sua ressurreição e à comunicação de Suas aflições, sendo feito conforme à Sua morte» (Filip. 3:10).

A camaradagem do sofrimento — não é a mais profunda, a mais forte, a mais íntima camaradagem do mundo? Os corações tornam-se, realmente, num só, quando são empurrados para a fornalha ardente da aflicção comum e caldeados pelas chamas dos mesmos sofrimentos. Já notámos, na vida do Senhor Jesus como Ele procurou, de maneira tão tocante esta camaradagem? Trouxe Ele o céu para mais perto da terra e ensinou-nos que há alegria entre os anjos de Deus com o arrependimento de um pecador. Graciosamente aceitou Ele os seus serviços e o seu ministério. Mas para a camaradagem nos Seus sofrimentos, não se voltou para os anjos, mas para os homens. Só os corações humanos podem entender a resposta ao Seu sofrimento. No alto do monte foi Moisés e Elias que desceram do céu para falar com Ele sobre os Seus sofrimentos e morte em Jerusalém. E no Getsémane, quando na Sua atroz agonia chegou a suar sangue, embora os anjos viessem do céu para o encorajar, foi aos Seus discípulos que se dirigiu com a súplica: «Não pudesdes vigiar comigo uma hora»? E já no céu, recordemos como o apóstolo Paulo preferia perder tudo desde que pudesse conhecer a Cristo e ao poder da sua ressurreição e a camaradagem dos seus sofrimentos. Que possa ser este o vosso propósito e desejo — conhecer a camaradagem dos Seus sofrimentos.

Quando João Huss, da Boémia, se dirigia para a fogueira, um velho amigo saiu de entre a multidão, e sem uma palavra apertou-lhe, fortemente, a mão. Foi um acto de coragem, que poderia ter representado a morte por ter animado o «herético». Huss disse-lhe que só Deus e ele sabiam quanto significava, naquela hora suprema, aquele aperto de mão.

Há sempre, à nossa disposição, uma camaradagem amiga e pessoal. Teremos essa camaradagem, desde que queiramos associarmo-nos ao Mestre Di-

É agora o tempo, em todos os tempos da história deste movimento do Advento, em que devemos considerar muito a sério as palavras do Senhor, convidando-nos a ajuntar tesouros no céu. Somos um povo que acredita que, dentro em breve, seremos levados para o céu, e que esta terra, em que agora nos encontramos, se tornará numa esfera ígnea, sob os juízos de Deus. Somos um povo que declara que temos, apenas, um pouco de tempo, para concluir a obra de Deus, na terra. São estes os tempos que os profetas predisseram. Os pioneiros

do movimento do advento anteciparam, pela fé, estes dias fatais. Estamos vivendo neles. São estes os dias em que, bem depressa, se cumprirá o que está escrito de que os homens desperdiçarão às cegas o dinheiro. É esta a hora de um grande avanço missionário, uma vez que em todo o mundo se facilitam as comunicações para a proclamação da mensagem a todos os homens. Na verdade, são estes os dias em que devemos ajuntar os nossos tesouros no céu. Não há outro lugar seguro para os ajuntar e guardar.

CAMARADAGEM COM JESUS

por C. LESTER BOND

vino. O Evangelho de Jesus é o poder de Deus para a salvação, porque é o poder de Deus para o arrependimento. Na cruz de Jesus Cristo vemos os nossos pecados como Deus também os vê. É a cruz a medonha revelação do que é o pecado, e do que faz. À luz do amor de Deus que brilha na cruz é que devemos ver o pecado das nossas vidas tão mesquinhamente vividas que nós, ainda assim mesmo, procuramos desculpar.

Ergamos os olhos e vejamos se houve jamais tristeza, como a de Jesus. Ao contemplá-lo pregado no seu patíbulo de dor, digamos-lhe: «E fostes Vós, Senhor, carregado com tão grande opróbrio? E por que fostes Vós coroado de espinhos? E por que se levantou contra Vós, em fúria satânica, a multidão enfurecida? E porque fostes, finalmente, pregado nesse patíbulo de dor e de vergonha?»

Não há dúvida que foi assim vilipendiado pelos nossos pecados. Efectivamente foi ferido pelas nossas transgressões. Foi moído pelas nossas iniquidades. A coroa de espinhos foi entretecida com os nossos pecados. Foi como se as nossas mãos pecaminosas tivessem pregado os cravos na cruz e Lhe tivessem trespassado o coração. Os nossos descuidos e as nossas loucuras parecem gritar: «Tira-O, Tira-O». Foram os nossos pecados que flagelaram, coroaram de espinhos e crucificaram Nosso Senhor.

A cruz de Nosso Senhor deve tornar-nos os nossos pecados tão odiosos e tão detestáveis, que deveríamos antes preferir morrer do que ofendê-lo de novo. Esta revelação do Seu amor e da nossa indignidade deve impelir cada um de nós a exclamar como o pobre publicano: «Meu Deus, tem piedade de mim, pecador», esquece todas as minhas transgressões e ajuda-me a viver para Ti.

Esta camaradagem dos Seus sofrimentos deve levar-nos a entregar-mo-nos, completamente a Ele, como se as nossas mãos e pés e todo o nosso ser Lhe fossem entregues, totalmente, como Ele se entregou à morte, por nós. Na santa quietude desta tarde de sábado façamos, de todo o coração, um acto de rendição firme. «Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo, adorável a Deus, que é o vosso culto racional» (Rom. 12:1). Estas palavras não podem ser pronunciadas com maior ênfase do que à vista da cruz de Cristo.

E pensemos, agora, o que representa para o Mestre esta camaradagem dos Seus sofrimentos. É consolação e satisfação. Faz bem pensar que podemos ajudar a curar aquelas feridas do Calvário

correspondendo ao Seu amor e sacrifício, com a entrega de nós mesmos. Se pudéssemos perguntar ao Mestre: «Qual foi a maior alegria que Vós sentistes, em toda a história do mundo e feitos dos homens?» Decerto, responder-nos-ia: «O melhor da terra e do céu, desde que no mundo entrou o pecado, foi o ter sido possível perdoá-lo e levar os homens ao arrependimento; perdoar e falar de perdão, levando os homens a arrependerem-se dos seus pecados». É este, decerto, o triunfo da sabedoria de Deus, do amor de Deus. É a sua completa alegria a camaradagem dos Seus sofrimentos.

Camaradagem em comunhão

A camaradagem com Jesus implica comunhão com Ele. Diz-se de Moisés: «E falava o Senhor a Moisés cara a cara, como qualquer fala com o seu amigo» (Ex. 33:11). Esta comunhão está, hoje, patente aos filhos de Deus. Convida-nos a chegar «pois com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno» (Heb. 4:16). Uma tal comunhão pode transformar-se em verdadeira camaradagem mas só quando a oração for «o abrir do coração a Deus, como a um amigo». A comunhão não é unilateral, só de um lado. O amigo fala com o amigo. Não há lugar para o egoísmo. A amizade só se mantém na base mútua do dar e receber. Podemos, por isso, gastar mais tempo ouvindo a Jesus, do que falando nós para Ele. Uma tal camaradagem é bem ilustrada, no seguinte caso:

O professor J. A. Bengel, que ensinava numa escola de rapazes, era muito estimado pelos seus alunos, porque era bastante diferente dos outros professores. Sempre firme nos seus princípios atraía a amizade de todos os seus alunos. Uma vez, um grupo de alunos resolveu descobrir donde é que vinha ao seu professor uma tal firmeza de carácter. Um dos rapazes resolveu espiá-lo, na sua residência. O professor enviudara, há pouco; os filhos estavam casados; por isso vivia, agora, só. Sabendo que as portas estavam, sempre, abertas, em casa do professor Bengel, o jovem facilmente se introduziu na sala donde poderia observar, perfeitamente, o professor. Chegou cedo e instalou-se, convenientemente. Passaram-se horas e o professor não aparecia. O jovem já estava desesperado. Finalmente, já tarde, chegou o professor. Descalçou-se e pôs uns sapatos de quarto. Chegou uma cadeira para junto da

mesa, sentou-se, abriu a Bíblia e começou a ler; leu durante uma hora e vinte minutos, tempo que pareceu infinito ao nosso rapaz. Então, muito naturalmente, e até com bastante reverência, o professor cruzou os braços sobre a mesa, encostou, ai a cabeça e disse, de maneira perceptível: «Obrigado, Senhor Jesus, pois ainda estamos nas mesmas relações. Boa noite». Ergueu-se, fechou o livro e dirigiu-se para o leito. O rapaz saiu, então, cautelosamente e foi contar, o que vira, aos seus companheiros.

Através de uma camaradagem desta natureza, o Senhor Jesus torna-se, efectivamente, um nosso companheiro.

Quando Zinzendorf era rapaz, costumava escrever pequenos bilhetes ao Salvador e deitá-los pela janela fora, esperando que Ele os apanharia. Mais tarde, a sua fé em Jesus tornou-se tão forte, sentindo tanto a sua presença, que certa vez, viajando com um companheiro, fê-lo mudar de lugar para ficar sozinho, para melhor conversar com Jesus.

A escola de Cristo

Quando se forma uma tal camaradagem com Jesus, ouvimo-lo dizer, continuamente: «Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas» (Mat. 11:29). Aprendemos d'Ele, através do estudo atento e devoto da Sua Palavra. Nisto mesmo, somos advertidos: «De sorte que haja em vós o mesmo sentimento, que houve também em Cristo Jesus» (Filip. 2:5). Jesus era só amor. N'Ele não havia o mínimo egoísmo. Veio a este mundo para buscar e salvar o que estava perdido. Nada deixou de fazer que dissesse respeito a este objectivo. Repetidas vezes dizia que não tinha tempo para outras coisas. Dizia: «A minha comida é fazer a vontade d'Aquele que me enviou, e realizar a Sua obra» (João 4:34). «Porque eu descí do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade d'Aquele que me enviou» (João 6:38).

A camaradagem com Jesus fará com que nos tornemos como Ele. Contemplando-O, mudámo-nos n'Ele. Tomando a Sua Palavra para as nossas vidas

e seguindo os seus preceitos, aguardando as suas promessas como coisa nossa, tornámo-nos participantes da Sua natureza divina. Por isso a paixão da Sua vida, se torna a nossa. Deve tornar-se a nossa! Para termos uma parte no Seu trabalho de salvar os pecadores e ajudá-LO a concluir o trabalho do Evangelho em todo o mundo, devemos desejar imitá-LO com o maior fervor.

Na escola de Cristo, como em qualquer outra, há vários cursos. O objectivo específico para o qual Jesus veio a este mundo foi «salvar o seu povo dos seus pecados». Os alunos sob a Sua direcção devem dividir-se para este objectivo. A nossa responsabilidade como cristão para ganhar as almas não se cifra, apenas, num curso qualquer; trata-se de um curso especial. É um dos muitos deveres da vida cristã. Jesus, o Mestre, disse aos Seus discípulos: «Ide, e sereis minhas testemunhas». Para se seguirem estas indicações é necessário que nos dediquemos a tarefas elevadas ou humildes, ou a partirmos para as mais longínquas partes do globo, e ainda a realizar as mais difíceis empresas, por Ele. Mas «ir», quer seja para perto ou para longe, é acamaradar com Ele, porque Ele prometeu «e eis que Eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos» (Mat. 28:28).

Mas não podemos confessar a Cristo, ou dar testemunho d'Ele, quando não o conhecemos, completamente. Por outras palavras, não podemos ganhar outros para Cristo, quando nós mesmos somos uma contradição d'Ele. Quando a nossa camaradagem com Jesus é real e sincera, revelaremos, inconscientemente, este facto aos outros.

Uma pequena de seis anos foi levada para o hospital para ser operada de apendicite. Tudo estava preparado, quando entrou o médico. Não querendo assustar a sua pequena doente, disse: «Está tudo pronto para a operação, mas vamos fazê-la dormir para não sentir nada». Olhando, calmamente, para o médico a pequena disse: «Então, se vou dormir, vou dizer as minhas orações, pois digo-as sempre, antes de me deixar dormir». «Muito bem», disse o médico. A menina ergueu-se com grande dificuldade e ajoelhando-se disse as suas orações. Quando acabou,

Leitura para Sábado, 14 de Dezembro de 1946

«ENTRA TU E

E o Senhor disse a Noé: «Entra tu e toda a tua casa na arca, porque te hei visto justo diante de mim nesta geração». «E fez Noé conforme a tudo o que o Senhor lhe ordenara. E entrou Noé e seus filhos e sua mulher e as mulheres de seus filhos com ele na arca por causa das águas do dilúvio» (Gênesis 7:1-7).

O acontecimento descrito neste passo foi o último incidente marcando a conclusão do mundo antediluviano. Durante muito tempo, a paciência, a clemência e a misericórdia de Deus contenderam com uma geração má da raça humana. O Senhor marcou, finalmente, o limite da sua provação em cento e vinte anos.

«Então disse o Senhor: «Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem, porque ele também é carne; porém, os seus dias serão cento e vinte anos... E o Senhor viu que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra, e que toda a imaginação

dos pensamentos de seu coração era só má, continuamente. Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em Seu coração. E disse o Senhor: destruirei de sobre a face da terra, o homem que criei, desde o homem até ao animal, até ao réptil e a ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito. Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor» (Gênesis 6:3-8).

Noé empregou cento e vinte anos a prègar àquela geração impenitente, e na construção da arca. Acreditou na palavra de Deus, a despeito do facto de não se poder fazer ideia, naqueles dias, como é que o mundo poderia ser destruído por um dilúvio. A sua implícita confiança e fé resultaram em absoluta obediência a todas as ordens de Deus.

«Assim fez Noé: conforme a tudo o que Deus lhe mandou, assim o fez» (Gênesis 6:22).

Por fim, a arca ficou construída; tinham-se pas-

deltou-se, outra vez, e disse: «Agora estou pronta para dormir».

Depois da operação, o médico foi para sua casa, mas era um homem diferente. Quando na manhã seguinte voltou ao hospital para ver a doente, disse às enfermeiras: «Esta menina fez-me mudar. Desde criança que eu não rezava. A sua fé e confiança em Jesus, fizeram-me voltar a minha antiga fé; quero ter a sua mesma amizade para com Jesus Cristo. Já ontem à noite rezei, ajoelhado junto do meu leito, e dediquei a minha vida a Cristo. Daqui por diante quero servi-l'O».

Jesus sabe que somos fracos. «Como um pai se compadece dos seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que O temem». Pois Ele conhece a nossa estrutura, lembra-se de que somos pó» (Salmo 103:13,14). Conhecendo a nossa fraqueza e incapacidade, tem feito, continuamente, desde a queda do homem, todas as previsões para nos reconduzir à nossa camaradagem primitiva para com Ele. Jesus entregou-se a Si mesmo, antes da fundação do mundo, e no seu devido tempo, veio a este mundo sob a forma humana para demonstrar ao universo que era possível, pela graça e poder de Deus, voltar o homem a viver fora do pecado.

Camaradagem na vitória

Jesus disse: «Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma» (João 5:30). Assim o julgou necessário para entesourar a Palavra de Deus no Seu coração, para vencer o tentador. E quando a batalha contra o pecado se tornou furiosa, empregou Jesus noites inteiras em oração angustiosa, procurando ajuda e guia que o habilitassem a completar a Sua tarefa. A vida que aqui passou foi, na verdade, difícilíssima. «Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um, que como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado» (Heb. 4:15). No fim do Seu ministério terrestre pôde Ele dizer: «no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo» (João 16:33).

Jesus sabe como é forte a corrente que nos é contrária; como é áspera a luta e temerosos os

adversários. Teve de defrontar a mesma corrente, de lutar contra os mesmos inimigos, mas venceu, com a graça do Pai. E agora está pronto a ajudar-nos, «porque naquele que Ele mesmo sendo tentado, padeciu, pode socorrer aos que são tentados» (Heb. 2:18).

Alguns de nós podem sofrer perseguições pela causa de Cristo, mas tenhamos bom ânimo, pois o Mestre passou pelos mesmos perigos e venceu o mundo. Assim como os discípulos, quando foram açoitados pelo sinédrio, saíram com maior entusiasmo, assim devemos nós fazer, pelo Seu nome. É esta a oportunidade para conhecermos Jesus, melhor que qualquer outra.

Quando tudo correr bem, ou quando a luta for furiosa, estejamos mais perto de Jesus. Ele nunca está distante de cada um de nós. A Sua promessa tranquilizadora é: «Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus; eu te esforço, e te ajudo e te sustento com a dextra da minha justiça» (Is. 41:10).

O perigo está em que confiemos em nós mesmos; corremos perigo de pensar que não necessitamos do Seu auxílio ou camaradagem. Mas ninguém está seguro por um dia, nem por uma hora, sem a ajuda do Mestre, da Sua guia. Muitos que se dizem cristãos são como aquele pequeno que visitou, num Sábado, a nossa igreja de Takoma Park. Vendo que a criança e seus pais eram visitas, um dos nossos obreiros dirigiu-se-lhes e depois de os saudar convidou o pequeno a ir para a divisão do Jardim de Infância. O pequeno aceitou jubiloso e afastando-se com o obreiro, disse que ia à frente, não querendo aceitar a mão que ele lhe oferecia. Quando subiam a escadaria, um pouco escura, alguém descia; o pequeno voltou, imediatamente, atrás a dar a mão ao guia.

Hoje, diz Jesus a cada um de nós: «Ao menos desde agora, não me invocarás dizendo: «Pai meu, tu és o guia da minha mocidade?» (Jer. 3:4). Respondamos a este convite gracioso e entreguêmo-nos, inteiramente, à Sua guarda. Possa a nossa camaradagem com Jesus ser cada vez mais real e duradoura, porque: «em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por Aquele que nos amou» (Rom. 8:37).

TODA A TUA CASA NA ARCA»

por J. I. MCELHANY

sado os cento e vinte anos. Novamente Deus deu instruções a Noé: «Entra tu e toda a tua casa, na arca». Durante todo aquele tempo, Noé e sua família trabalharam e sacrificaram-se na construção da arca. Todos os seus bens terrenos se gastaram na construção da arca. Nada deixaram que os pudesse prender ao mundo. Viram, na arca, o símbolo da salvação para aqueles que, pela fé, colocam a sua esperança na certeza da palavra de Deus.

O sucesso de Noé salvando a sua família de perecer com os antediluvianos baseou-se no facto de ele ter posto a sua fé na acção. Correspondeu a todos os apelos do Senhor. Cercado das piores iniquidades conservou de parte a sua família para se dedicar ao trabalho que Deus lhe destinara. Quando ouviram o último apelo de entrarem na arca e aí encontrarem refúgio contra a borrasca que se aproximava, estavam prontos a responder.

A mensageira do Senhor deixou-nos um vivo quadro dos tempos de Noé e da sua experiência. Convidamos, calorosamente, a todos a considerarem com grande atenção as seguintes linhas:

«Pela fé, Noé, divinamente avisado das coisas que ainda se não viam, teme, e, para salvação de sua família, preparou a arca, pela qual condenou o mundo, e foi feito herdeiro da justiça que é segundo a fé. Enquanto Noé estava a apregoar a sua mensagem de advertência ao mundo, as suas obras testificavam da sua sinceridade. Assim foi que a sua fé se aperfeiçoou e se evidenciou. Deu ele ao mundo o exemplo de crer, precisamente, o que Deus diz. Tudo o que possuía empregou na arca. Ao começar a construir aquele imenso barco em terra seca, vinham multidões de todos os lados para verem a estranha cena, e ouvir as palavras ardorosas, fervorosas do singular prègador. Cada

partida desferida na arca, era um testemunho para o povo...».

Mas Noé permanecia semelhante a uma rocha em meio da tempestade. Rodeado pelo desdém e ridículo popular, distinguia-se pela sua santa integridade e inabalável fidelidade. Um poder assistia as suas palavras; pois era a voz de Deus ao homem, por meio de Seu servo. A ligação com Deus tornava-o forte, na força do poder infinito, enquanto por cento e vinte anos a sua voz solene soou aos ouvidos daquela geração, com referência a acontecimentos que, tanto quanto poderia julgar a sabedoria humana, eram impossíveis.

«O mundo antediluviano raciocinava que durante séculos, as leis da natureza tinham estado fixas. As estações periódicas tinham vindo em sua ordem. Até ali, nunca havia caído a chuva; a terra era regada por uma neblina ou orvalho. Os rios jamais haviam passado os seus limites, mas com segurança tinham levado as suas águas para o mar. Imutáveis decretos tinham impedido as águas de transbordarem. Mas tais raciocinadores não reconheceram a mão d'Aquele que conteve as águas dizendo: «Até aqui vireis, e não mais adiante» (*Patriarcas e Profetas*, págs. 102-103).

«Passando-se o tempo, sem qualquer mudança aparente na natureza, os homens, cujos corações tinham, por vezes, tremido pelo receio, começaram a refazer-se... Continuaram com as suas festas e banquetes de glotonaria; comiam e bebiam, plantavam e edificavam, fazendo seus planos com referência às vantagens que esperavam adquirir no futuro; e mais longe foram eles em impiedade, em desatenção arrogante às ordens de Deus, a fim de testemunharem que não tinham medo do Ser Infinito. Asseveravam, que se havia alguma verdade no que Noé dissera aos homens de fama — os sábios, os prudentes, os grandes homens — compreenderiam essa questão» (*Ib.*, pág. 105).

«Deus ordenou a Noé: «Entra tu e toda a tua casa, na arca, porque te hei visto justo diante de Mim, nesta geração». A advertência de Noé tinha sido rejeitada, pelo mundo, mas a sua influência e exemplo resultaram bênçãos para a sua família. Como recompensa da sua fidelidade e integridade, Deus salvou com ele todos os membros da sua família. Que animação para a fidelidade paterna!» (*Ib.*, pág. 106).

Experiências do dia de Noé

Para o objectivo deste nosso estudo, vamos considerar a lição tirada das experiências do tempo de Noé, pelo Senhor Jesus. Apontando esta experiência como um tipo da Sua segunda vinda, o Salvador declarou:

«E como foi nos dias de Noé, assim será, também, a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, e davam-se em casamento, até ao dia, em que Noé entrou na arca, e não o perceberam até que veio o dilúvio e os levou a todos — assim será, também, a vinda do Filho do homem» (Mat. 24:37-39).

«Antes do dilúvio, Deus enviou Noé para advertir o mundo, a fim de que o povo pudesse ser levado ao arrependimento e assim escapar da destruição ameaçada. Ao aproximar-se o tempo do segundo aparecimento de Cristo, o Senhor envia os Seus servos com uma advertência ao mundo, para que se prepare para aquele grande acontecimento. Multidões têm estado a viver em transgressão à Lei de Deus, e agora, Ele, misericordiosamente, os chama para obe-

derem aos Seus sagrados preceitos. A todos que abandonarem os seus pecados pelo arrependimento para com Deus e fé em Cristo, se oferece o perdão. Muitos, porém, acham que requer um sacrifício demasiado grande abandonar o pecado. Porque as suas vidas não se harmonizam com os princípios puros do governo moral de Deus, rejeitam as suas advertências, e negam a autoridade da Sua lei» (*Ibid.*, pág. 111).

«Estando a encerrar-se o seu tempo de graça, entregavam-se os antediluvianos a divertimentos e festas excitantes... Não vemos o mesmo, repetido na nossa época?... Há uma constante sequência de sensações que ocasiona a indiferença para com Deus, e impede o povo de se impressionar com as verdades que, unicamente, o podem salvar da destruição vindoura» (*Ibid.*, pág. 114).

Como um mais amplo e solene aviso para os que dizem no seu coração: Senhor, retarda a Tua vinda», convém recordar estas expressivas palavras, que bem merecem ser ponderadas por todos os crentes.

«Mas Cristo apresenta outra classe: porém se aquele mau servo disser consigo: o meu Senhor tarde virá; e começar a espancar os seus conservos, e a comer e a beber com os temulentos, virá o Senhor daquele servo num dia em que o não espera.

O mau servo diz em seu coração: «O meu Senhor tarde virá». Não diz que Cristo não virá. Não zomba da ideia da Sua segunda vinda. Mas, no seu coração e pelas suas acções e palavras declara que a vinda do Senhor demora. Afasta da mente dos outros a convicção de que o Senhor virá depressa. A sua influência leva os homens a uma demora presunçosa e negligente. São confirmados na sua mundanidade e torpor. Paixões terrestres, pensamentos corruptos, tomam posse da mente. O mau servo come e bebe com os temulentos, corre com o mundo na busca do prazer. Espanca os seus conservos, acusando e condenando aqueles que são fiéis a seu Mestre. Mistura-se com o mundo. Sendo semelhantes, crescem ambos na transgressão. É uma assimilação terrível. É colhido no laço, juntamente, com o mundo. «Virá o Senhor daquele servo... à hora em que ele não sabe, e separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas».

«E, se não vigiares, virei sobre ti, como um ladrão e não saberás a que hora sobre ti virei». O advento de Cristo surpreenderá os falsos mestres. Eles estão dizendo: Paz e segurança. Como os sacerdotes e mestres antes da queda de Jerusalém, assim esperam eles que a igreja goze de prosperidade e glória terrenas. Interpretam os sinais dos tempos, como prognóstico dessas coisas. Mas, que diz a Palavra Inspirada? — «Então lhes sobrevirá repentina destruição». Como um laço virá o dia de Deus sobre toda a terra, sobre todos os que fazem deste mundo a sua glória. Virá sobre eles, como um ladrão.

O mundo, cheio de rixas, repleto de ímpios prazeres, acha-se adormecido, adormecido em segurança carnal. Os homens estão dilatando a vinda do Senhor. Riem das advertências. Ouve-se a soberba jactância: «Todas as coisas continuam como desde o princípio da criação». O dia de amanhã será como este, e ainda maior e mais famoso». Aprofundar-nos-emos no amor do prazer. Mas Cristo diz: «Eis que venho como ladrão». Ao mesmo tempo que o mundo está perguntando, zombeteiramente: «Onde está a promessa da sua vinda?», estão-se cumprindo os sinais. Enquanto eles gritam: «Paz e segurança», apro-

xíma-se repentina destruição. Quando o escarnecedor, rejeitador da verdade se tem tornado presunçoso; quando a rotina do trabalho nos vários ramos de ganhar dinheiro é prosseguir sem consideração para com princípios; quando o estudante está, ansiosamente, buscando o conhecimento de tudo, menos da Bíblia — Cristo virá como um ladrão.

Tudo no mundo está em agitação. Os sinais dos tempos são cheios de presságios. Os contecimentos vindouros projectam a sua sombra diante de si. O Espírito de Deus está sendo retirado da terra, e calamidade segue-se a calamidade na terra e nos mares. Há tempestades, terremotos, incêndios, inundações, homicídios de toda a espécie. Quem pode ler o futuro? Onde há segurança? Não há certeza em coisa alguma humana ou terrena. Os homens estão-se, rapidamente, enfileirando sob a bandeira da sua escolha. Aguardam, desassossegadamente, os movimentos dos seus chefes. Há os que estão esperando, vigiando e trabalhando pela vinda de nosso Senhor. Outra classe cerra fileiras sob a chefia do primeiro e grande apóstata. Poucos crêem de alma e coração que temos um inferno a evitar e um céu a alcançar.

A crise aproxima-se furtiva e gradualmente de nós. O sol brilha no firmamento, fazendo o seu percurso ordinário, e os céus declaram, ainda, a glória de Deus. Os homens ainda comem, bebem, plantam e edificam, casam e dão-se em casamento. Os comerciantes continuam a vender e a comprar. Os homens empurram-se uns aos outros, contendem pelas mais altas posições. Os amantes do prazer aglomeram-se, ainda, nos teatros, nas corridas, nos antros de jogo. Dominam as maiores excitações, e, todavia, o tempo da graça aproxima-se, rapidamente, do fim, e todo o caso está para ser eternamente decidido. Satanás vê que o seu tempo é curto. Tem posto em operação todas as suas forças a fim de os homens enganados, reduzidos, ocupados e enlaçados, até o que o dia da graça haja findado, e a porta da misericórdia se feche para sempre.

Através dos séculos, chegam até nós as solenes palavras de advertência de nosso Senhor, no Monte das Oliveiras: «E olhai por vós mesmos, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia». «Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que não-de acontecer, e de estar em pé, diante do Filho do homem» (*O Desejado de todas as Nações*, pág. 474 e segs.).

São estas, decerto, palavras terríveis e solenes. Cumprem-se, à nossa vista. Estamos, realmente, no meio de todas estas coisas. Assim como Noé e a família, vivemos nos últimos dias desta provação do mundo. Depressa se fechará, para sempre, a porta do perdão. Assim como Noé e sua família só encontraram salvação entrando na arca, assim hoje, tanto os indivíduos como as famílias só encontrarão refúgio, segurança e salvação voltando-se para Deus inteiramente, e obedecendo-Lhe. Jesus vem depressa. Assim o declara, assim o revela a Sua Palavra. Os sinais dos tempos também o confirmam. Tal como Noé, devemos manifestar a nossa fé. Devemos escutar, hoje, o convite de Deus: «Entra tu e toda a tua casa, na arca».

É este um apelo dirigido aos pais para reunirem as suas famílias em torno de si, para protegerem e defenderem os seus filhos da corrupção e das práticas do mundo. Nada disto pode entrar no reino de Deus. Os que fecham os olhos a estas coisas ou que não defendem, convenientemente, as suas famílias desses perigos, arriscam as suas almas e as de seus filhos.

Os Adventistas do Sétimo Dia sabem, perfeitamente, como já sucedeu com Noé, o que Deus espera de nós, nestas últimas horas do tempo. Devíamos mostrar-nos alarmados com o perigo que se levanta pela nossa negligência, apatia e indiferença. Saúde, posição social, reputação, estudos, treino intelectual — tudo isto é nada, se desprezarmos o apelo de Deus para entrar na arca, se recusarmos ou negligenciarmos as Suas ordens.

Este é o último serviço desta Semana de Oração. Encerrar-se-á ela sem que nenhum de nós deixe de fazer uma escolha solene entre o mundo e o Senhor? Encerrar-se-á ela antes que cada um se arrependa dos seus pecados, de não afastar a sua família, do mundo, para a levar para a verdade da arca do Senhor? Encerrar-se-á ela sem que tenhamos um novo baptismo do Espírito Santo, com uma grande e decisiva conversão ao Senhor? Encerrar-se-á ela sem uma nova consagração da parte de cada pai e dos filhos, de cada crente, para uma nova e santa vida, nestes últimos dias do tempo?

Quer cada qual fazer uma nova consagração do coração e da vida à causa e ao serviço de Deus? Não quererá cada um de nós, antes de encerrarmos este culto, estabelecer uma linha clara e definida entre as coisas do mundo e as que nos conduzem ao reino de Deus?

«Entra tu e toda a tua casa, na arca».

«Por isso, estai preparados: porque na hora em que não pensardes, virá o Filho do homem».

Branços e Pretos

Nos tempos antigos notava-se uma distinção rática entre Brancos e Pretos ou indivíduos de outras cores (mulatos, amarelos, peles-vermelhas, etc.). Os Brancos eram a raça superior.

Mas a mentalidade humana evoluiu. Verificou-se que os Brancos nos climas equatoriais ou tropicais criavam cores diversas. Os indivíduos de cor passaram a frequentar escolas onde, muitas vezes, deram provas de maior inteligência do que o branco. O Evangelho de Jesus foi ensinado a indivíduos de muitas cores e com o mesmo resultado que entre os brancos. A lealdade, o amor a Deus e ao próximo podem existir em todos os corações. Consequentemente a Igreja Adventista, baseada no Evangelho e na experiência, não reconhece diferenças de direitos nem de deveres entre Brancos e Pretos;

S. Paulo dizia: «Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre, não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus» (Gál. 3:28).

E nós podemos completar o pensamento apostólico dizendo: «Nem preto, nem branco».

Pessoalmente devo dizer que a igreja adventista americana que mais me impressionou pela ordem e decência do culto foi a dos nossos Irmãos Pretos em Nova Iorque!

Os Missionários Adventistas têm um particular amor pelos Irmãos de outras cores entre os quais trabalham, mas se, por má ventura, algum houver que não tenha vergonha de manifestar-lhes antipatia, é simples o problema: comunicá-lo às direcções dos serviços. Não recebem salário para manifestar antipatias mas, pelo contrário, o amor inefável de Jesus.

MISSÃO

A nossa Missão é a que mais afastada se encontra da sede da União e, como todos sabem, está instalada a sua sede na capital da colónia de S. Tomé e Príncipe, em plena região equatorial, sofrendo os que cá vivem todas as inclemências do seu traiçoeiro clima.

O nosso trabalho é feito a favor das variadas castas que habitam a ilha de S. Tomé, mas em especial entre os nativos, para o que temos quatro estações missionárias noutras tantas localidades, onde é prègado com regularidade o Evangelho de Jesus.

Para dar satisfação ao pedido de notícias de interesse para a *Revista Adventista*, eis algumas que, decerto, interessarão aos seus leitores:

Escola da Missão

Começámos este ano a colher os primeiros frutos maduros do trabalho encetado há cerca de 4 anos, pois levámos a exame 5 alunos do 1.º grau e 3 deles foram aprovados. Estamos já em plena actividade no ano lectivo de 1946/47, tendo 30 alunos matriculados em todas as classes de instrução primária, 13 dos quais nas 3.ª e 4.ª classes. Rejeitámos muitos pedidos mais, devido às acanhadas instalações da escola. Graças a Deus, as autoridades actuais da colónia, que, diga-se de passagem, muito se têm interessado pela instrução e por elevar o nível de vida do nativo, acabam de conceder-nos o alvará para a nossa escola, o que antes não conseguimos, por se achar à testa dos serviços de instrução, um missionário católico romano.

Seminaristas de S. Tomé

Rejubilamos por podermos enviar este ano dois jovens para o Seminário da União, os quais já deverão estar de volta dos livros na ocasião em que forem lidas estas linhas. São representantes da raça principal de S. Tomé. Esperamos que sejam alvos da simpatia de todos que os conhecerem.

Casamentos

O mês de Julho manteve esta igreja em festa quase permanente, pois celebrámos 5 casamentos, 3 dos quais no mesmo dia; a 7 foi o dos irmãos Cristina dos Santos Mendonça e João Baptista de Sousa, ambos de boas famílias; o noivo é enfermeiro diplomado há muitos anos. No dia 21 casaram-se os irmãos Manuel d'Assunção Neto e Maria dos Ramos Santana Martins; José Martins e Maria da Trindade Vaz Quaresma; e Manuel Quaresma Viana e Maria da Trindade Pereira dos Santos Lima; finalmente, a 27 casaram-se os irmãos Armando Monteiro e Maria Silvestre Pereira dos Santos Lima. São mais 5 famílias legalmente constituídas e um forte incentivo

para animar os milhares de polígamos desta terra a uma vida mais civilizada e cristã.

Baptismos

Em 28 do mesmo mês de Julho tivemos o prazer de acrescentar à Igreja 18 novos membros pelo baptismo, após muitos meses de estudo e preparação; foi a maior sessão baptismal aqui realizada e centenas de pessoas tiveram a oportunidade de ouvir junto da praia do mar a mensagem desta exigência do Evangelho de Jesus, ao mesmo tempo que os nossos irmãos se sentiram felizes por lhes ser dado o privilégio de dar testemunho público da «fé que uma vez foi dada aos santos».

Santa Ceia

No mesmo dia 28 celebrámos a Santa Ceia, pela 17.ª vez nesta igreja e da qual participou a maior parte dos 87 membros, assim como alguns dos muitos interessados que anseiam unir-se à nossa igreja.

Falecimento

Nem tudo é risonho neste noticiário, porém; infelizmente tivemos de sepultar no dia 11 de Julho o irmão Silvestre Lopes Pereira, de 63 anos, um dos membros mais antigos desta igreja, tendo deixado viúva a nossa irmã Maria Vicente Pereira e filhos menores. Foi o 15.º membro que a morte nos levou.

Perspectivas futuras

São deveras lisonjeiras as perspectivas futuras para esta igreja e missão, pois tanto nas quatro estações missionárias como noutros lugares temos grupos de animados crentes a estudar a Palavra da Verdade, muitos dos quais fazem planos para se baptizar ainda este ano. Muito temos a esperar, também, das dezenas de jovens que temos entre nós, os quais procuramos conduzir no caminho da salvação.

Por intermédio da *Revista Adventista* saudamos todos os seus leitores e rogamos-lhes que não nos esqueçam nas suas preces a Deus, para que nos dê o privilégio de continuar o Seu trabalho por muito mais tempo.

S. Tomé, Agosto de 1946.

J. S. GRAVE

NOTA — Na última carta recebida dizia-nos que houvera 18 baptismos e aguardavam o baptismo de mais meia dúzia.

S. TOMÉ

Departamento

DA EDUCAÇÃO

Estão em pleno funcionamento as escolas da nossa União:

Seminário de Portalegre...	60	alunos
Escola de Lisboa	30	»
Escola da Madeira	25	»
Escola de Cabo-Verde....	55	»
Escola de S. Tomé.....	30	»
Total de alunos.....	200	

Fazemos votos pelo progresso destas escolas e lembramos aos seus professores e directores que estamos prontos a auxiliar a propaganda das mesmas, pois é necessário que se tornem conhecidas e fiquem cheias de estudantes na sua capacidade máxima.

Os alvos para as nossas escolas

Transcrição da circular enviada aos Irmãos Professores por este Departamento:

Aos Presados Irmãos Directores e Professores de todas as escolas na nossa União

No início do novo ano lectivo venho cumprimentar-vos e trocar convosco alguns pensamentos básicos, na minha qualidade de Secretário de Educação. Escusado será dizer que troquei impressões com o Irmão Director da União e que ele está 100% de acordo.

Não desejo citar nenhum texto da Bíblia nem do Espírito de Profecia para vos salientar a importância do vosso trabalho na orgânica Adventista e na salvação dos vossos alunos e famílias.

As Escolas Adventistas organizam-se e são sustentadas pelos Dízimos e Ofertas dos crentes por três razões: 1.^a—Dar aos alunos professores cristãos que aliem à técnica a bondade de Jesus e o interesse pelo desenvolvimento intelectual, espiritual e físico do aluno. 2.^a—Salvar a vida religiosa cristã do aluno, mostrando-lhe, através dos seus estudos, a veracidade, a beleza e a necessidade do Cristianismo. 3.^a—Preparar e orientar a actividade profissional e social do estudante.

Se quiséssemos embutir na cabeça dos estudantes as matérias indicadas nos programas e mais nada, não valia a pena ter escolas Adventistas. As escolas não-Adventistas são peritas nesse embutimento de matérias.

Queremos muito mais e melhor!

Queremos que a criança ou o jovem sinta um ambiente escolar verdadeiramente celestial e que lhe encha a alma de energias para aguentar as agruras da sua vida diária. Os estudantes têm agruras na vida, Irmãos Professores. Procurem, pois, com a vossa calma, paciência, palavras animadoras, *sem castigo corporal de nenhuma espécie* — e que pode ter resultados desastrosos para vós — dar aos estudantes o ambiente de que carecem.

Iniciem os vossos trabalhos diários com um cântico, com uma prece. Terminem-nos da mesma forma. Queremos transformar os nossos jovens em cristãos conscientes. Isso é impossível sem o ensino da Re-

ligião. Temos pois, *diariamente*, de estabelecer no nosso programa o ensino da Religião. Na Escola Primária é preciso ensinar tudo o que se relacione com Jesus, como Homem, como Divino, como Mestre. Ao terminar a 4.^a classe os alunos precisam ter ideias tão exactas sobre a doutrina cristã, como sobre a aritmética ou gramática. Se é possível ensinar-lhes os rudimentos destas ciências complicadas, não será difícil a um professor cristão o ensino dos rudimentos da Fé.

Após a Instrução Primária, o estudo da Religião tem de continuar e deve merecer especiais cuidados de todos os Professores — do de Português — tão bellos assuntos religiosos nas selectas!, — do de História — que é a história senão a realização do plano de Deus na Terra? — do de Ciências — a Natureza proclama a glória de Deus — do de Matemática — lá dizia o outro que «Deus faz sempre geometria». Professor que esqueça, numa escola Adventista, de chamar a atenção do aluno para a Fé, aproveitando todas as oportunidades das lições, deve mudar de atitude ou de escola.

Queremos que os nossos alunos sejam orientados profissionalmente de forma a que, num próximo futuro, não possam surgir atritos entre a sua actividade e os princípios Adventistas. Queremos, mais do que isso, aproveitar os mais aptos para os diferentes Departamentos da Obra de Deus. Precisamos de evangelistas, pastores, doutores, escritores, médicos, enfermeiros, contabilistas, linguistas, secretários, obreiros bíblicos, viajantes, missionários e até feitores, lavradores, operários, músicos etc.

Tais são as nobres funções do Departamento de Educação na Obra Adventista.

Quer o irmão e a irmã aceitar estes ideais e cooperar neles, no ano lectivo de 1946/47?

Ficamos orando por vós e pedimos a Deus que vos dê saúde, entusiasmo e resultados concretos na execução destes ideais.

Vosso no Departamento de Educação
O Secretário

OUTUBRO DE 1946

Departamento da Colportagem

Relatório de Vendas

Jerónimo Falcão	36.000\$00
Elisa de Jesus Simões	588\$00
Maria Luísa Saboga	580\$00
António Américo Ribeiro	540\$00
José Augusto da Silva	480\$00
Margarida e Otilia Santos	436\$00
Idalina Ferreira	296\$00
Francisco Castela	132\$00
Total	39.052\$00

O Secretário,
SAMUEL REIS



Reparem que se nota uma certa diferença, entre cristãos-protestantes e cristãos-católicos, na maneira como se dirigem a Deus nas orações. O católico trata, em geral, Deus na forma delicada da segunda pessoa do plural: «Ó meu Deus, Vós podeis». Os protestantes dirigem-se a Deus na segunda pessoa do singular: «Ó Deus, Tu podes».

Perguntem-lhes a razão desse tratamento e logo ouvem as seguintes respostas:

«Porque devemos a Deus muito respeito e, se não tratamos ninguém por «tu» quando em certas posições sociais, como ousaríamos tratar por «tu» o Omnipotente?» — dirá o católico.

O protestante esse apresenta o argumento máximo e diz:

«Na Bíblia, vemos os profetas, patriarcas e até o próprio Jesus a tratar Deus por «tu»: logo...».

A fórmula de delicadeza, nos tempos antigos, mesmo nos dias de Jesus, era «tu». Os romanos tratavam por «tu» o seu imperador. Por isso nada nos pode admirar que Jesus e os cristãos primitivos tratassem por «tu» o próprio Deus. Só mais tarde é que os imperadores, quando legislavam, começaram a dizer «Nós queremos», «nós mandamos», para fingir que eram o eco da vontade popular. Como o «Zé-povo» era enganado! E, como o imperador dizia «Nós», o povo começou a dizer «Vós» quando se dirigia ao Chefe do governo. Mais ainda, começou o povo a imitar o tratamento de «Vós» e a aplicá-lo a toda a gente, de tal sorte que os pais tratavam de «vós» os filhos. O pronome «vós» influiu o espírito

dos subordinados e inferiores no sentido de dar ao superior hierárquico um título baseado em reais ou supostas qualidades. Daí o «Vossa mercê», «Vossa excelência», «Vossa Alteza». O «Vossa mercê», com o decorrer dos tempos, deu o «Voncê», o «você».

Mas voltamos ao assunto: Será justo tratarmos Deus por «tu»? O protestantismo foi trazido para Portugal, em geral, por ingleses e americanos e todos sabem que em inglês há formas pronominais particulares para a Divindade: «Thou», «Thine». É estranho que tais evangelistas que são tão meticulosos nas suas línguas, quanto ao tratamento a Deus, ensinassem as suas congregações a tratar Deus com o plebeu «tu».

Em dialectos ou regiões em que o tratamento de «tu» é cerimonioso estaria bem aplicado a Deus. Sabemos de lugares em que os noivos se tratam por «tu» antes do casamento mas, depois de casados, passam a tratar-se por «você»! Nessas regiões é aceitável o «tu» para Deus.

Concordemos que, pelo menos, é chocante que não usemos tratar por «tu» o vizinho do lado e demos esse tratamento a Deus. Indica carinho, familiaridade? Está bem, mas é justamente essa familiaridade que pode desandar em desrespeito.

Se tratamos Deus por «tu», visto termos adquirido esse hábito discutível, saibamos ao menos reconhecer a Sua santidade e superioridade. Empreguemos o «tu» com todos os sinais de respeito.

A. D. G.

Colónia de Cabo Verde

ENSINO PRIMÁRIO

Escola para sexo misto
N.º de dias lectivos — 137

Concelho da Brava

Freguesia de Nossa Senhora do Monte
Localidade — Nossa Senhora do Monte

Mapa estatístico anual da frequência e aproveitamento, referente ao ano lectivo 1945-1946

Classes	Frequência Movimento						Sexos		Naturalidades			Segundo as idades			Aproveitamento Passegens de classe e exames					
	Matriculam-se durante o ano	Saíram da escola durante o ano	Chegaram ao fim do ano	Tiveram frequência regular	Tiveram frequência irregular	Média geral da frequência	Masculino	Feminino	Europeus	Africanos			Até 9 anos	De 9 a 12 anos	De 12 a 14 anos	Da 1.ª a 2.ª classe	Da 2.ª a 3.ª	Aprovados no 1.º grau	Aprovados no 2.º grau	Reprovados
										De Cabo Verde	De outras colónias	De outros continentes								
1.ª.....	48	25	25	25	25	25	20	28	—	48	—	—	21	26	1	—	—	—	—	—
2.ª.....	3	—	3	3	—	3	—	3	—	3	—	—	—	—	3	20	—	—	—	—
3.ª.....	2	1	1	1	1	1	—	2	—	2	—	—	—	—	2	—	3	1	—	—
4.ª.....	25	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Total geral...	53	24	29	29	24	29	20	33	—	53	—	—	21	26	6	20	3	1	—	—

Ilha Brava, 1 de Agosto de 1946

A professora,
MARIA JOSÉ DA ROSA

Numa das nossas habituais viagens missionárias, distribuindo folhetos e fazendo trabalho de colportagem pelas freguesias rurais desta ilha, o nosso Irmão colportor António G. Duarte, separando-se de nós, chegou num dia à tarde ao Paúl do Mar, lugar que apenas tem uma rua estreita e onde o Cura é, por assim dizer, a única autoridade respeitada.

Como é hábito, o nosso Irmão procurou, em primeiro lugar, casa onde pudesse deixar a mala dos livros e passar a noite. Feito isto, foi falar com a professora para lhe vender a nossa literatura, percorrendo, depois, o lugar, sem deixar uma casa por visitar. Não tardou muito que o nosso colportor não se apercebesse de certo alvoroço, ouvindo vozes ameaçadoras e estando mesmo já a ser perseguido por alguns indivíduos mal intencionados. Terminando o seu trabalho e, não querendo dirigir-se logo para a pensão, saiu para o campo onde pudesse estar fora das vistas daquela gente. Não tardou, porém, que o mesmo grupo de homens, chefiados por um agente do padre, se dirigisse ao nosso colportor dando-lhe voz de prisão. Como o nosso Irmão lhes exigisse provas de que tinham autoridade para o prender, eles, sem admitirem réplica, lançaram-se sobre ele procurando tirar-lhe a pasta que, devido à resistência do nosso Irmão, ficou parte nas suas mãos e outra nas mãos dos seus inimigos. Enquanto o Irmão Duarte lhes dava uma Revista das Missões, aproveitou a oportunidade em que eles a examinavam para se ir embora. Mais abaixo, já no escuro da noite, outro indivíduo o esperava convidando-o a entrar no seu estabelecimento, enquanto aguardava a chegada dos outros. O Irmão Duarte seguiu sempre, indo acolher-se então na casa da senhora que prometera alugar-lhe quarto.

Não iria ficar por aqui esta dura experiência por que acabava de passar este humilde servo de Deus. Quando se encontrava já dentro de casa, a senhora, que não se havia ainda apercebido do que se passava fora, ouviu grande algazarra e chegando à porta deparou com uma turba enfurecida, dizendo: «Não consinta esse homem aí dentro que é um protestante, um maçónico! Essa gente não acredita na virgem!...».

Esta boa senhora tornou-se então, inconscientemente, meio de contacto entre o nosso Irmão, que dentro se recolhia em confiante oração, e a turba difícil de conter. Ao nosso Irmão dizia ela: «Lá fora está muito povo dizendo que o Sr. é protestante. É verdade?». «O que é isso de protestante?». Depois da devida resposta do Irmão Duarte ela vinha transmiti-la aos que estavam de fora. «Eles dizem também que já há dias o senhor e outros foram corridos ali das freguesias do norte e que não acreditam na Nossa Senhora!». É certo, disse o Irmão Duarte, que andámos espalhando por lá uma boa mensagem; agora que não acreditamos na Virgem isso é falso. A senhora então, sem arrefecer, vinha à porta e di-

zia-lhes: «Isso é falso; este homem fala na Virgem e os protestantes são vocês! Ela volta a perguntar ao seu hóspede se acreditava em Jesus como Salvador dos perdidos e levava-lhes a resposta. «Além disso», disse-lhes ela, «fiquem sabendo que na minha casa recebo quem eu quero e não me interessa se ele é protestante; o que eu sei é que é um bom homem». Nisto, o padre mandou o cabeça desses homens entregar ao nosso Irmão as peças de roupa e o bocado da pasta que lhe haviam tirado, dando ordem à dona da casa de o pôr na rua. Ela respondeu que, quem governava a sua casa não era o Sr. Prior, e que, se ele estava disposto a sustentá-la, que então fechava a sua casa e não daria pensão a mais ninguém.

Por volta das dez horas da noite, apareceu o guarda-fiscal, acompanhado de alguns comerciantes, trazendo na sua mão algumas revistas nossas que ele possuía e dizendo que a Igreja Católica até devia apoiar esta obra, porque esta gente estava fazendo um grande trabalho por meio destas revistas e livros. As pessoas que o acompanhavam quiseram logo comprar livros ao nosso Irmão, pondo-se o guarda ao seu dispor no caso que quisesse fazer alguma participação contra os outros que o maltrataram.

Depois de serenados os ânimos, o nosso Irmão Duarte entregou-se à leitura do Salmo 23, de cujas promessas acabava de tirar uma prova real. Depois de dormir algumas horas, cerca das duas horas da madrugada levantou-se, preparou a pasta e percorreu a pequena vila metendo debaixo de cada porta um folheto contendo os Dez Mandamentos da Lei de Deus, e partiu antes do sol nascer, dando assim por terminada, por esta vez, a sua missão nesta localidade.

PASTOR P. RIBEIRO

Missionária Esteves

Seguiu para Cabo Verde o evangelista Sr. João da Ascensão Esteves, onde vai retomar as suas funções, após alguns meses de bem merecido repouso, passados entre nós.

Regressa ao seu campo de trabalho, na companhia de Sua Ex.^{ma} Esposa e filhos, um dos quais — o pequenino Daniel, que Deus guarde — nasceu, no Barreiro, no passado mês de Julho.

A todos desejamos boa viagem e as melhores bênçãos do céu.

Relatório da Juventude nos 3 primeiros trimestres de 1946

SOCIEDADES	Número de Membros	Assistência Médica	Número de Relatórios	Estudos Bíblicos	Visitas Missionárias	Pessoas trazidas às reuniões	Pessoas socorridas	Tratamentos dados	Horas de caridade	Peças de roupa	Refeições dadas	Literatura dada ou vendida	Cartas escritas	Seguem a vigília	Seguem o ano Bíblico	Seguem curso de leitura	Ofertas para as Missões	COLECTA DE OUTONO
Lisboa	89	80	40	124	123	30	21	6	8	25	20	40.000	39	28	29	3	1.038\$20	3.720\$10
Seminário	50	48	42	425	710	4	10	21	5	16	18	6.166	178	45	1	45	187\$00	1.880\$00
Niza	49	100	20	188	1.068	147	8	—	—	3	34	1.553	2	—	8	—	326\$00	1.100\$00
Setúbal	38	24	20	87	850	27	—	4	42	17	14	5.270	13	8	13	4	258\$35	?
Portalegre (1)	30	18	9?	27	51	30	1	2	—	9	—	5	3	4	4	1	20\$€0	?
Barreiro	26	?	2	23	12	4	71	9	7	3	7	—	—	4	1	1	61\$00	?
Porto	22	17	13	66	17	8	101	1	13	—	2	11.260	10	5	8	—	67\$00	?
Avintes (2)	25	31	—	17	00	—	—	10	—	—	—	30	—	—	—	—	72\$50	155\$00
Canelas	18	37	—	15	3	—	6	—	—	—	—	—	—	—	—	—	53\$60	200\$00
Vila Real	27	50	43	181	320	111	88	41	63	7	626	576	38	16	20	4	216\$00	17\$00
Tomar	20	10	36	248	148	35	58	2	23	33	62	2.222	15	9	12	—	260\$20	420\$00
Coimbra	16	12	18	193	358	25	334	40	51	56	185	7.793	10	—	—	—	389\$25	1.500\$00
Ribeira de Niza (3)	15	13	14	21	30	16	16	—	6	18	2	18	—	3	—	—	38\$00	?
S. Tomé (4)	117	83	78	2.609	1.525	93	164	103	372	15	246	340	141	—	—	—	775\$00	?
Cabo Verde	100	52	52	660	959	63	162	98	233	32	502	168	43	32	30	3	909\$75	?
Ponta Delgada	51	40	36	158	565	30	5	5	13	27	117	568	19	—	—	—	189\$80	1.880\$75
Angra	15	10	—	22	3	—	5	—	—	—	—	127	—	—	—	—	17\$60	?
Funchal	62	60	07	571	722	47	173	126	12	58	363	15.260	29	12	27	—	111\$30	?
<i>Total</i>	<i>770</i>	<i>685</i>	<i>532</i>	<i>5.634</i>	<i>7.564</i>	<i>670</i>	<i>1.223</i>	<i>468</i>	<i>839</i>	<i>319</i>	<i>2.198</i>	<i>96.312</i>	<i>540</i>	<i>164</i>	<i>153</i>	<i>59</i>	<i>4.990\$75</i>	<i>10.872\$85</i>

- (1) Só existe o relatório do 1.º trimestre.
- (2) Só existe o relatório do 3.º trimestre.
- (3) Só existe o relatório do 2.º e 3.º trimestre.
- (4) Só existe o relatório do 1.º e 2.º trimestre.

Ao fixar os totais, damos-nos conta da verdadeira força que é para o Movimento a sua Juventude.

Será possível que 93.312 folhetos, anúncios, livros, fossem dados ou vendidos pelos Jovens? Acrescentemos a este número as unidades de livros e revistas do Departamento da Colportagem! Verificamos, então, o que deixaria de ser feito sem a Juventude Adventista. A Juventude é digna de receber os melhores cuidados dos Obreiros nas Congregações.

Os 770 Jovens inscritos, não falando nos de 100 de Cabo Verde nem nos 117 de S. Tomé que não são todos filhos de Adventistas, também não representam ainda toda a Juventude no nosso meio. Com um pouco de atenção ver-se-á nas diversas igrejas mais Juventude não inscrita.

E não é curioso que o relatório seja mais fraco nas coisas mais fáceis de fazer? Qual custa mais:

Comentário ao Relatório

obter um donativo para as Missões ou ler o versículo da Vigília? E no entanto só 164 fizeram a sua devoção diária,

mas obtiveram quase onze contos para as Missões! A quinta parte do alvo total da União!

Os nossos parabéns aos 59 jovens que se propuseram seguir um curso de leitura. Ler, estudar, aumentar o poder intelectual eis algo de muito próprio para um jovem Adventista. «Persiste no ler» (S. Paulo, I Tim. 4:13).

Estamos no último trimestre de 1946. Algumas Sociedades — como em Angra do Heroísmo — já fizeram o seu esforço a favor dos alunos do Seminário. Sabemos que poderemos contar com todos.

Também durante a Semana de Oração em Dezembro precisamos procurar as bênçãos de Deus, unindo-nos uns aos outros na reunião da oração.

Deus guarde a Juventude, dirija as direcções das Sociedades e abençoe os lares adventistas.

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Cont. e Ilhas Colónias

Número avulso . 1\$50 2\$00
Assinatura anual 7\$50 10\$00

Redacção e Administração:
Rua Joaquim Bonifácio, 17

Composição e impressão:
Tip. Gomes & Rodrigues
32, Rua das Picoas, 34—LISBOA